

Bianca Blandino Florentino
Claudia Alessandra Costa de Araujo Lorenzoni
Sandro José da Silva

CESTARIA QUILOMBOLA NO SAPÊ DO
NORTE-ESPÍRITO SANTO:
HISTÓRIAS QUE CONTAM MATEMÁTICA



Edifes
ACADÊMICO



INSTITUTO FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS E MATEMÁTICA
MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS E MATEMÁTICA

Bianca Blandino Florentino
Claudia Alessandra Costa de Araujo Lorenzoni
Sandro José da Silva

CESTARIA QUILOMBOLA NO SAPÊ DO
NORTE - ESPÍRITO SANTO:
HISTÓRIAS QUE CONTAM MATEMÁTICA



Edifes
ACADÊMICO

VITÓRIA - ES
2024



Edifes
ACADÊMICO

**Editora do Instituto Federal de Educação,
Ciência e Tecnologia do Espírito Santo**

R. Barão de Mauá, nº 30 – Jucutuquara

29040-689 – Vitória – ES

www.edifes.ifes.edu.br | editora@ifes.edu.br

Reitor: Jadir José Pela

Pró-Reitor de Administração e Orçamento: Lezi José Ferreira

**Pró-Reitor de Desenvolvimento Institucional: Luciano de
Oliveira Toledo**

Pró-Reitora de Ensino: Adriana Pionttkovsky Barcellos

Pró-Reitor de Extensão: Lodovico Ortlieb Faria

Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação: André Romero da Silva

Coordenador da Edifes: Adonai José Lacruz

Diretoria Geral: Diemerson Saquetto

Diretoria de Administração e Planejamento: André Assis Pires

Diretoria de Ensino: Fernanda Zanetti Becalli

**Diretoria de Pesquisa, Pós-Graduação e Extensão: Wanderson
Romão**

CONSELHO EDITORIAL

Aline Freitas da Silva de Carvalho * Aparecida de Fátima

Madella de Oliveira * Eduardo Fausto Kuster Cid * Felipe

Zamborlini Saiter * Filipe Ferreira Ghidetti. * Gabriel

Domingos Carvalho * Jamille Locatelli * Marcio de Souza

Bolzan * Mariella Berger Andrade * Ricardo Ramos Costa *

Rosana Vilarim da Silva * Rossanna dos Santos Santana

Rubim * Viviane Bessa Lopes Alvarenga

Revisão de texto: Bianca Blandino Florentino, Claudia A. C. Araujo Lorenzoni e Sandro José da Silva
Projeto gráfico: Bianca Blandino Florentino, Claudia A. C. Araujo Lorenzoni e Sandro José da Silva
Diagramação: Bianca Blandino Florentino, Claudia A. C. Araujo Lorenzoni e Sandro José da Silva
Capa: Bianca Blandino Florentino, Claudia A. C. Araujo Lorenzoni e Sandro José da Silva
Imagem da capa: Bianca Blandino Florentino, Claudia A. C. Araujo Lorenzoni e Sandro José da Silva

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Biblioteca do Campus Vila Velha)

F633c Florentino, Bianca Blandino

Cestaria Quilombola no Sapê do Norte - Espírito Santo [recurso eletrônico]: histórias que contam matemática. / Bianca Blandino Florentino, Claudia Alessandra Costa de Araujo Lorenzoni, Sandro José da Silva. Vitória: Edifes Acadêmico, 2024.

104 p. : il. col., 30 cm.

Inclui bibliografia.

ISBN: 978-85-8263-984-9 (E-Book).

Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática, 2024.

1. Matemática – Estudo e ensino. 2. Etnomatemática. 3. Cestaria. 4. Quilombolas - Educação. I. Lorenzoni, Claudia Alessandra Costa de Araujo. II. Silva, Sandro José da. III. Título. IV. Instituto Federal do Espírito Santo.

CDD 23 – 581.634

Valéria Rodrigues de Oliveira CRB6/ES-477

DOI: 10.36524 /9788582639849

Esta obra está licenciada com uma Licença Atribuição-NãoComercial-SemDerivações
4.0 Brasil.



BIANCA BLANDINO FLORENTINO

FLORENTINO, Bianca Blandino; **LORENZONI**, Claudia Alessandra Costa de Araujo; **SILVA**, Sandro José. **Cestaria Quilombola no Sapê do Norte - Espírito Santo: Histórias que contam matemática**. Vila Velha: Ifes, 2024. Número de páginas: 104.

Produto educacional apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática do Campus Vila Velha do Instituto Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação em Ciências e Matemática.

Aprovado em 17 de dezembro de 2024.

COMISSÃO EXAMINADORA



Documento assinado digitalmente
CLAUDIA ALESSANDRA COSTA DE ARAUJO LOR
Data: 12/02/2025 15:12:24 -0300
verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Claudia Alessandra Costa de Araujo Lorenzoni
Instituto Federal do Espírito Santo
Orientadora

Documento assinado digitalmente
gov.br SANDRO JOSE DA SILVA
Data: 17/02/2025 15:28:46 -0300
verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Sandro Jose da Silva
Universidade Federal do Espírito Santo
Coorientador

Documento assinado digitalmente
gov.br ANTONIO HENRIQUE PINTO
Data: 15/02/2025 08:54:54 -0300
verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Antonio Henrique Pinto
Instituto Federal do Espírito Santo
Membro interno

Profa. Dra. Mônica Maria Borges Mesquita
Universidade NOVA de Lisboa
Membro externo



Assinado por Mônica Maria
Borges Mesquita
Identificação: 8134510125
Data: 2025-02-13 às 07:35:21

QUEM SOMOS?



Sou Bianca Blandino Florentino, filha de Benedito Cardoso Florentino e Domingas Blandino dos Santos, exemplos de força e resiliência que moldaram minha identidade. Cresci na comunidade Quilombola de São Domingos, localizada na zona rural de Conceição da Barra, Sapê do Norte - ES, onde meus pais, trabalhadores rurais e artesãos, sempre encontraram sustento da roça. Minha vivência na comunidade me ensinou a valorizar a nossa cultura e tradição, especialmente por meio do artesanato, que é um símbolo de resistência cultural. Durante minha infância, envolvia-me nas práticas de meu povo, desde as brincadeiras com primos até a imersão nas festividades que celebram nossa cultura Quilombola. Embora tivesse consciência das dificuldades que nossa comunidade enfrentava, sempre enxerguei nas mãos de meus pais a força da cultura que nos moldava. Essas lembranças me acompanharam ao longo da vida e, hoje, percebo a importância de compartilhar nossa história e resistência através da educação. Como estudante, fui determinada e apaixonada pelo saber. Desde pequena, sonhava em ser professora, com a ambição de transformar vidas através da aprendizagem.



Esse desejo tornou-se minha realidade quando ingressei na Universidade Federal do Espírito Santo, onde cursei Licenciatura em Física e, posteriormente, Matemática pela Estácio de Sá, com o apoio do Programa Universidade Para Todos (ProUni). Encarar essas etapas foi um desafio, principalmente por vim de uma comunidade onde o acesso à educação superior parecia um sonho distante, em parte devido à nossa condição social.

Além de atuar na Educação Básica desde então, a experiência no espaço acadêmico também me possibilitou entender os desafios que enfrentamos enquanto Quilombolas, como a necessidade de integrar a cultura local no contexto educacional. Minhas duas pós-graduações me proporcionaram uma visão de práticas educacionais que precisam considerar a identidade Quilombola e a riqueza do nosso artesanato. Assim, venho desenvolvendo projetos que unam matemática a Saberes tradicionais, utilizando elementos do dia a dia da minha comunidade para tornar a aprendizagem mais significativa.

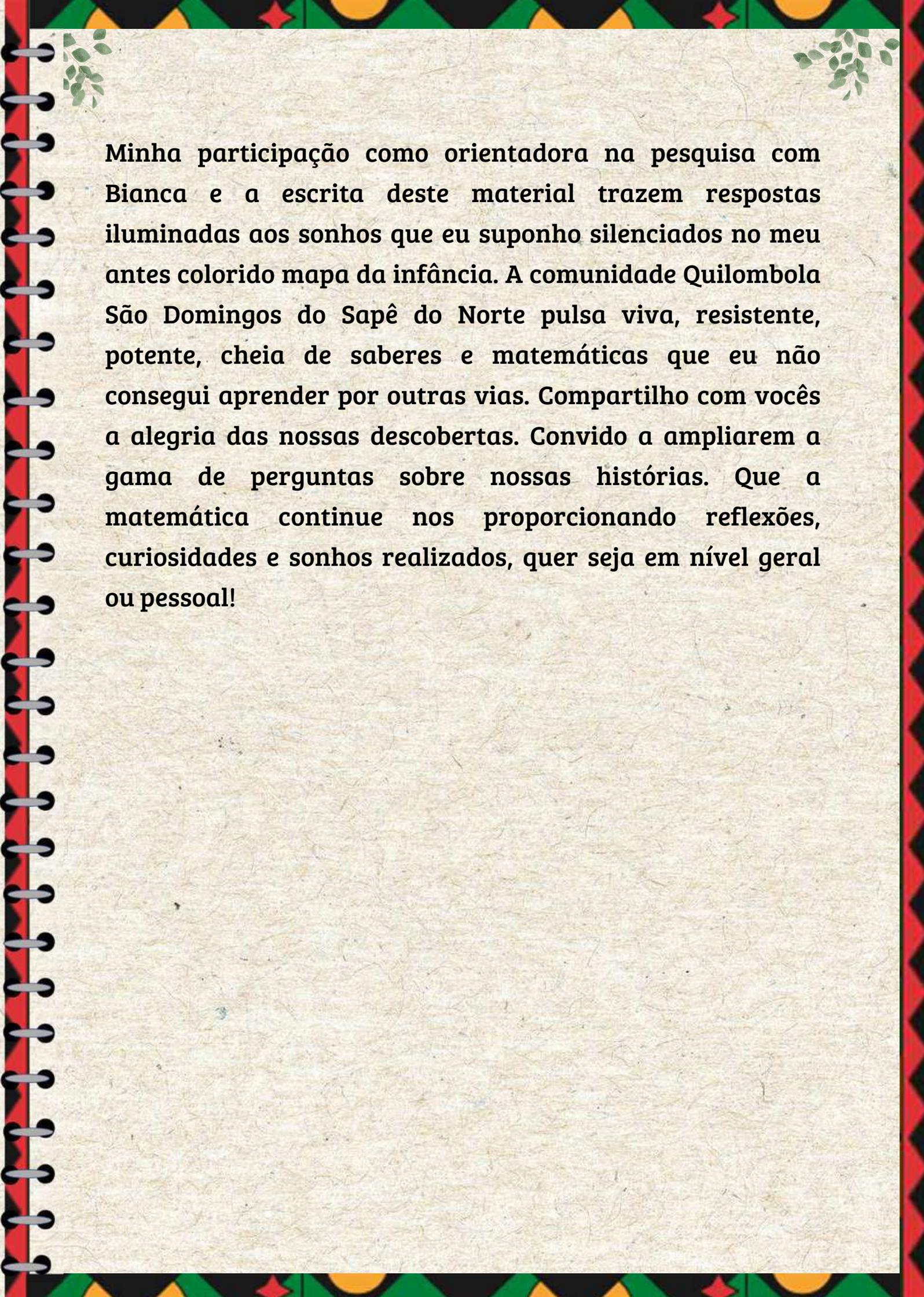
Atualmente, sou mestranda e escrevo sobre algo que une minha trajetória acadêmica e profissional à minha vivência local. Meu objetivo é contribuir para a valorização da cultura Quilombola na educação, promovendo um ensino que respeite saberes ancestrais e as práticas artesanais de minha comunidade. Essa luta é fundamental para reconhecer a importância do nosso legado e também inspirar e capacitar as futuras gerações a se apropriarem da sua história e identidade.



Sou Claudia Alessandra Costa de Araujo Lorenzoni, “capixaba da gema”, nascida e criada em Jucutuquara, um bairro na capital do Espírito Santo. Foi vivendo no mesmo endereço (até meus 25 anos, quando iniciei meu mestrado na Puc-Rio) que se construiu em mim o que hoje me move a tantos lugares, olhares, histórias e que me traz até a presente obra. Jucutuquara (palavra de origem tupi para referir-se ao monumento natural da região, Pedra dos Dois Olhos) proporcionou minhas primeiras viagens por meio da leitura, já que por lá cursei os primeiros anos da minha educação escolar, equivalente à atual Educação Básica, tendo estudado inclusive na Escola Técnica Federal do Espírito Santo (ETFES), atual Instituto Federal do Espírito Santo (Ifes), minha instituição de atuação como professora desde 2012. Com base nas fontes que acessei na escola, em meio às histórias de família, que sempre gostei de ouvir, fui criando no meu imaginário infantil, um mapa ligando os familiares vindos de Alagoas aos de Rio Novo do Sul - Espírito Santo, aos que ficaram em seus locais de origem e aos que seguiram outros destinos, como o Rio de Janeiro.

Esse mapa imaginário era sempre adornado pela diversidade de cabelos e cores de pele da minha família que eu classificava com orgulho como “tipicamente brasileira”, afinal tinha tanto um bisavô que meu pai descreve como um “índio miudinho”, como a avó branca - até chamada de polaca - ou a outra avó com seus cabelos cuidadosamente alisados aos domingos, nos seus dias de folga.

Com o amor à matemática, vieram os estudos da sua história e do papel contínuo de diferentes culturas na sua constituição, ora como um mosaico harmonioso, ora como um caleidoscópio que teima em se transformar ao nosso menor movimento. Assim, na minha pesquisa de doutoramento, estabeleci uma aproximação com os Guarani e Tupinikim no estado. Dos aprendizados com eles e outros grupos culturais sobre o que temos chamado matemática, vieram também reflexões sobre os personagens do meu mapa ilustrado de infância... De onde trouxeram a avó de minha avó? Por que ela (também descrita como miudinha) falava tão pouco como me disseram? Em que condições viveram meus antepassados a ponto de se mudarem de cidade e até de estado, deixando pra trás pais chorosos que nunca mais viram? para onde foram os originários falantes de tupi de Jucutuquara? Será que a casa em que passei toda minha infância foi construída nas redondezas da senzala da extinta fazenda que deu origem ao bairro? Quem eram as pessoas que dormiam lá? O que sonhavam? O que viveram? O que poderiam ter vivido de diferente se a cor de pele e a origem étnica não fossem causa de diferença, escravização, exclusão?



Minha participação como orientadora na pesquisa com Bianca e a escrita deste material trazem respostas iluminadas aos sonhos que eu suponho silenciados no meu antes colorido mapa da infância. A comunidade Quilombola São Domingos do Sapê do Norte pulsa viva, resistente, potente, cheia de saberes e matemáticas que eu não consegui aprender por outras vias. Compartilho com vocês a alegria das nossas descobertas. Convido a ampliarem a gama de perguntas sobre nossas histórias. Que a matemática continue nos proporcionando reflexões, curiosidades e sonhos realizados, quer seja em nível geral ou pessoal!



Sou Sandro José da Silva, Doutor em Antropologia pela Universidade Federal Fluminense, mestre em Antropologia Social pela Universidade Estadual de Campinas e Bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Espírito Santo. Atuo como professor Associado na Universidade Federal do Espírito Santo na Graduação em Ciências Sociais (bacharelado e Licenciatura), na Licenciatura Intercultural Indígena e no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais desde 2014. Sou membro do Núcleo de Estudos Afro Brasileiros da UFES e do Comitê de Quilombos da Associação Brasileira de Antropologia. Sou pesquisador da Rede Nova Cartografia Social que apoia projetos em comunidades quilombolas no norte capixaba. Desenvolvo projetos de pesquisa e extensão sobre relações étnicoraciais, patrimônio cultural e Direitos Humanos. Sou consultor da temática povos e comunidades tradicionais, auxiliando as comunidades a elaborar e desenvolver seus próprios projetos. Publiquei alguns artigos que pode ser baixados em <https://classroom.google.com/c/NzQ3NDA5NDA5MjMx/m/NzQ3NDE5MDg1Nzc3/details>.

Tenho dois filmes com temática quilombola (“São Jorge e seus dragões” e “Passarinho: a luta pelo direito quilombola”) publicados que estão disponíveis no meu canal no YouTube: <https://www.youtube.com/@sandrosilvagoog>

DESCRIÇÃO TÉCNICA

Origem do produto: Histórias que contam matemática: Saberes de Cestaria Quilombola no Sapê do Norte- Espírito Santo, vinculado ao Programa de Pós-graduação em Educação em Ciências e Matemática do Instituto Federal do Espírito Santo, Campus de Vitória, na linha de pesquisa: Educação não formal, diversidade, sustentabilidade, História e memórias no contexto da Educação Matemática.

Nível de Ensino ao qual se destina: Ensino Fundamental

Área do Conhecimento: Ensino

Público-Alvo: Destinado a professores, com auxílio na Educação Escolar Quilombola, com possibilidade de se estender ao uso por outras comunidades escolares, Quilombolas ou não;

Categoria: Material didático com orientações didático- pedagógicas

Processo de aplicação: Aplicado com estudantes da Escola Municipal de Ensino Fundamental "Mário Florentino".

Inovação: Primeira dissertação Quilombola do Território do Sapê do Norte relaciona a cestaria tradicional da comunidade Quilombola com matemática.

Disponibilidade: Irrestrita, desde que haja respeito à autoria do Produto Educacional, sendo vetada o uso comercial por terceiros.

Divulgação: Meios digitais e impresso

Diagramação: A fábula "As aventuras dos pequenos cesteiros na Mata encantada" é creditada à professora Luana Lopes, mestranda do Programa de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS) pelo IFES e professora de Língua Portuguesa no município de Conceição da Barra, com experiência na Educação do Campo.

A ilustração presente neste material que traz às orientações específicas para professores, é um desenho da autora realizado por Priscila Lorena Valadão, que deve ser devidamente creditada.

Fotos: Acervo dos autores, exceto as identificadas. Todas as fotografias utilizadas foram autorizadas, servindo como registro para a comunidade, e respeito a preservação a linguagem oral e visual de participantes.

Registro: Biblioteca do Instituto Federal do Espírito Santo (IFES), Campus Vitória- ES

Comissão científica: Profa. Dra. Claudia A. C. de Araujo Lorenzoni - Ifes e Prof. Dr. Sandro Silva

Coordenação editorial: Bianca Blandino Florentino

Revisão de texto: Dra. Claudia A. C. de Araujo Lorenzoni - Ifes e Prof Dr. Sandro José da Silva- Ufes

Avaliação:

URL:

Idioma: Português

Cidade/Estado/ País: Conceição da Barra/ Espírito Santo / Brasil

Mês/ ano: Outubro/2024

DEDICATÓRIA



Dedico este trabalho ao povo
Quilombola, cuja resistência me ensinou
a valorizar e respeitar diversas formas de saber. Agradeço
pela práxis ancestral que nos inspira a lutar e celebrar
nossas raízes, mostrando que a educação
vai além das sala. Que o saber e a
força do povo quilombola
continuem a nos
guiar em busca de
um futuro
mais
justo.

CONAQQ





“Aprender, mesmo, a gente aprende quando o saber não é mercadoria. Quando é com mestres e mestras, eles não cobram: eles ensinam a manter o conhecimento vivo. Quando você compartilha o saber, o saber só cresce. É como as águas que confluenciam”- Antônio Bispo dos Santos, 2023.



sumário

Apresentação	15
1. O Território do Sapê do Norte	17
1.1 O Sapê	18
1.2 O sapê: Um Território em construção	20
1.3 São Domingos: Uma comunidade no Sapê do Norte	21
1.4 São Domingos: Lugar de Cultura e danças tradicionais	23
1.5 A economia de São Domingos	24
2. Raízes ancestrais com os Mestres e Mestras de Saberes	25
2.1 Raízes da cesta	26
2.2 Raízes do jacá	28
2.3 Raízes da vassoura	29
2.4 Raízes do cesto	31
2.5 Raízes do Samburá	33
2.6 Raízes da peneira	35
2.7 raízes da luminária	37
3. A Mata nas práticas culturais Quilombolas	39
3.1 Mata adentro: Tecendo aprendizagem com o cipó	40
3.1.1 Caminhando Mata adentro: Primeiro encontro com o mestre artesão Renan Oliveira	40
3.1.2 Caminhando Mata adentro: Segundo encontro com a mestra artesã Adelúcia Blandino	42
3.2 Mata adentro: Conhecendo a Mãe do cipó	44
3.2.1 Caminhando Mata adentro: Encontro com o mestre artesão Domingos dos Santos	44
4. Mata + Mestre: Produção de cestaria Quilombola	46
5. Estratégias para aulas e verificação de aprendizagem	49
5.1 Alinhando Saberes: Motivação inicial	52
5.2 Tarefa I: Adedonha dos Mestres dos Saberes	56
5.3 Tarefa II: Cair na Mata	59
5.4 Tarefa III: Mata + Mestre: cestaria Quilombola do Sapê do Norte	62
5.4.1 Etapas de cestaria Quilombola do Sapê	63
5.4.2 Cruzadinha de cestaria Quilombola do Sapê	64
5.5 Tarefa IV: Entrelaçamento conjuntos de cestaria Quilombola do Sapê do Norte	65
5.6 Tarefa V: Matematizando cestaria Quilombola uma aventura com Pop It	68
5.7 Tarefa VI: Fábulas na Floresta: As Aventuras dos pequenos cesteiros na Mata encantada	71
5.8 Tarefa VII: Identidade Quilombola: O Plano de Estudo	80
5.9 Tarefa VIII: Jogos didáticos	82
5.9.1 Jogo das tarjetas: CestaQuiloMática	83
5.9.2 Jogo das partes: Encontre a cestaria	86
5.10 Tarefa IX: Culminância das tarefas: A oficina de cestaria Quilombola	97
6. Saberes que resistem e registram	103
7. Algumas reflexões que permanecem	104
8 Referências	105

APRESENTAÇÃO



Proximidades da Mata de São Domingos, 2024

Este Produto Educacional é resultado da pesquisa de mestrado profissional intitulada: Tecendo cestaria no Quilombo São Domingos no Sapê do Norte do Espírito Santo: Entrelaçando saberes, cultura e matemática. Realizada entre os anos de 2022 e 2023, a pesquisa envolveu mestres e mestras artesãos do município de Conceição da Barra, Espírito Santo, através de investigações de campo que deram origem a histórias locais, agora registradas neste material. Essas narrativas compartilham saberes e práticas culturais valiosas, enriquecendo nosso aprendizado.

O material é destinado a professores, como auxílio na Educação Escolar Quilombola, com possibilidade de se estender ao uso por outras comunidades escolares, Quilombolas ou não. Nele, apresentamos atividades didáticas que ensinam matemática de forma contextualizada e interdisciplinar.

Neste material, vocês encontrarão 10 atividades didático-pedagógicas de Matemática, elaboradas com base no plano de estudo e na abordagem vivencial da Educação Escolar Quilombola. As atividades valorizam saberes dos estudantes e de suas famílias, destacando a vida no campo por meio da cestaria Quilombola.

Ao ler este livro, desejo que você se sinta inspirado como uma leve brisa no ar. Imagine-se sob uma árvore, desfrutando do ar fresco, ouvindo o canto dos pássaros e sentindo uma suave brisa em seu rosto.

Que este material seja uma fonte de inspiração, estimulando sua criatividade e impactando a vida de seus estudantes.

Elaborado com muito amor, dedicação e satisfação, cada letra, foto e relato foi escolhido com cuidado, entre muitas histórias descobertas ao longo da pesquisa. Com convicção, afirmo que a parte mais gratificante dessa jornada foi a criação deste livro, que dá voz e vez aos povos que fazem parte da minha história. Em cada página, em cada palavra, estão registrados relatos autênticos de comunidade que têm muito a ensinar.

Essa obra também valoriza Saberes locais e tradicionais, fundamentais para a preservação da identidade cultural e do conhecimento ancestral de diversas comunidades. Saberes estes que são transmitidos de geração em geração, ricos em ensinamentos sobre a convivência harmônica com a natureza, práticas sustentáveis e modos de vida que respeitam o meio ambiente.

*Boa leitura e Bom êxito!
Os Autores.*

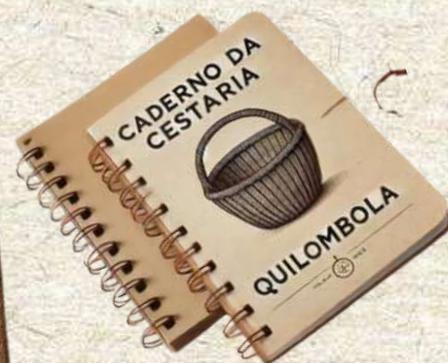
1. O território do Sapê do Norte

Bem-vindos ao nosso primeiro capítulo de nosso caderno da cestaria Quilombola, onde vamos embarcar em uma jornada pelo Sapê do Norte!



Caderno da Cestaria Quilombola

Aqui, conheceremos as comunidades que compõem o território e, em especial, a Comunidade São Domingos, um verdadeiro exemplo de cultura e tradição. Vamos nos aprofundar nas danças, nas práticas culturais e na economia local que tornam a comunidade um exemplo de resistência e luta. Prepare-se para percorrer esse caminho de descobertas, onde cada passo é uma celebração de saber e de diversidade. Venha comigo e vamos juntos vivenciar a essência do Sapê do Norte!



1.1 O Sapê

Que tal conhecermos
mais sobre o Sapê?
Vamos descobrir sua
importância como planta
no nosso território
Quilombola!



Sapê presente no Território Quilombola, 2023

1.1 O Sapê

O sapê é uma gramínea que se desenvolve naturalmente em seu ambiente nativo, particularmente nas regiões conhecidas como Muçunungas dos Tabuleiros Terciários. Essas muçuningueiras são importante na defesa de nascentes, lagoas e locais onde a água da chuva se infiltra na terra. Ademais, o sapê possui grande e é um dos primeiros a florescer após o corte da floresta e a utilização do fogo para preparar o terreno para o cultivo da mandioca. Se a colheita não chega, o sapê cobre o solo, como se estivesse zelando pelo solo até que alguém decida o que fazer com ele. (Lauro Brandino, São Domingos, 2023)

Nas paisagens abaixo, observam-se matas, rios e residências com amplos terreiros, onde, antigamente, cultivavam-se alimentos em um ambiente de abundância e vida. As pessoas tinham a liberdade de criar animais, caçar, pescar, colher frutas e cipós, além de extrair barro e madeira para a produção de artesanato e construções.



Quilombolas transitando em meio ao Sapê na Comunidade São Domingos, 2023

1.2 O Sapê do Norte: Um Território em construção

O Sapê do Norte é uma região que se estende ao longo dos vales dos rios Cricaré e Itaúnas, localizado no município de São Mateus e Conceição da Barra no Norte do Estado do Espírito Santo.



Municípios e comunidades Quilombolas do Sapê do Norte

REGIÃO NORTE	
Municípios	Comunidade
(1) Conceição da Barra	Angelim Disa, Angelim 1, 2 e 3, Córrego do Macuco, Córrego de Santa Isabel, Córrego do Sertão, Coxi, São Domingos, Dona Guilhermina, Lage, Linharinho, Roda D'Água, Santaninha, Morro e Santana Velha, Córrego Santana
(2) São Mateus	Beira Rio-Arural, Cacimba, Chiado, Dilô Barbosa, Mata Sede, Nova Vista, Palmito, Espírito Santo, Santa Luzia do Rio Preto (Laudêncio), São Domingos de Itauninhas, Córrego do Sapato 1 e 2, Morro da Arara, São Jorge, Vala Grande, Serraria e São Cristóvão, Divino Espírito Santo, Bom Pastor

Esta área já era habitada por negros e camponeses, que com o tempo se organizaram e aprenderam a viver da natureza. Do período da escravidão até os anos do século passado, essas comunidades se adaptaram e fizeram do Sapê do Norte um lar, utilizando a terra, os rios e o que a natureza lhes oferecia para sobreviver e resistir.

1.3 São Domingos: uma comunidade no Sapê do Norte

Seu nome é em homenagem do Córrego São Domingos, que atravessa a região e a devoção ao Santo Padroeiro São Domingos de Gusmão, conhecido como o Santo do Rosário.



Córrego São Domingos que percorre a água e deságua no Itaúnas , 2024

O Córrego era uma fonte de sustento, pois os moradores pescavam e também utilizavam a matéria prima, o cipó presente nas matas ao redor do rio para fazer os artesanatos.

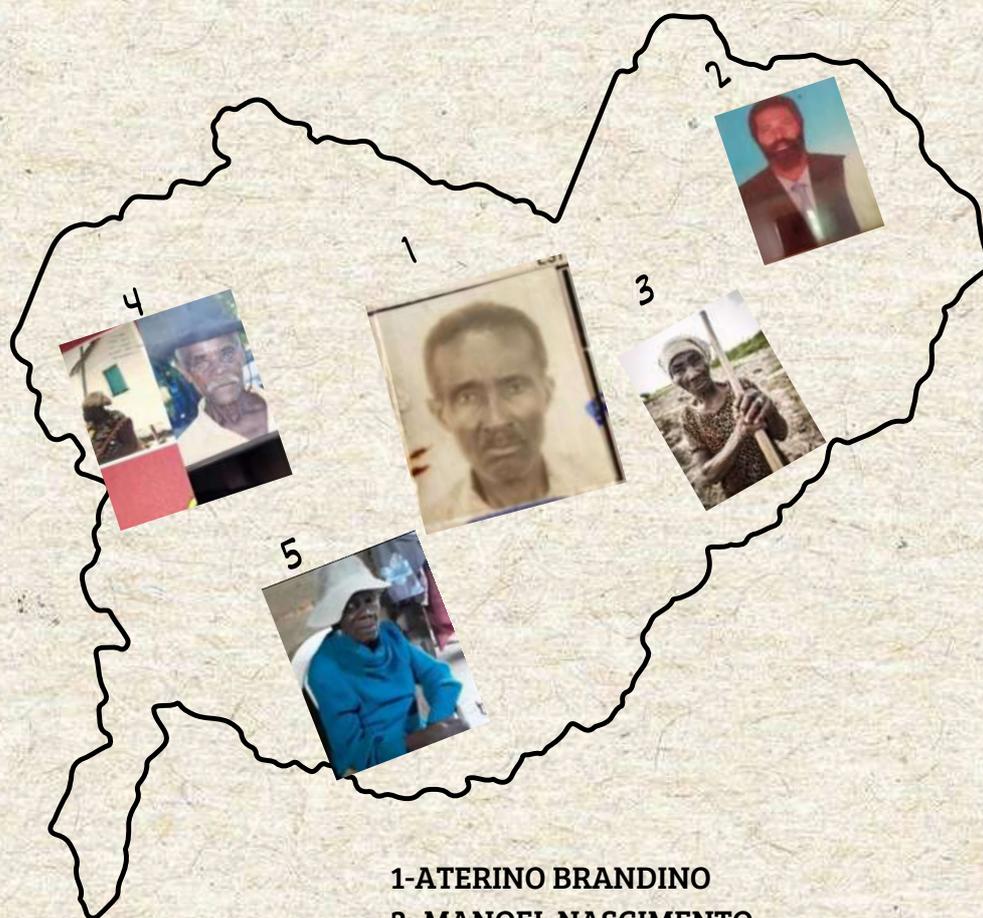


Igreja católica da Comunidade, 2024

A religiosidade na comunidade é marcada pela igreja católica, assim como a bênção dos curandeiros e mestres de saberes, que orientam o Quilombo quando necessário.

1.3 São Domingos: uma comunidade no Sapê do Norte

Os primeiros moradores de São Domingos foram Manoel Nascimento, Eugênia Caetano, silvestre Jerônimo e Aterino Brandino, delimitando os 5 os núcleos familiares da comunidade, por volta de 1910, descritos na legenda abaixo:



- 1-ATERINO BRANDINO
- 2- MANOEL NASCIMENTO
- 3-MADALENA DOS SANTOS
- 4- EUGÊNIA CAETANO
- 5- SILVESTRE JERÔNIMO

Hoje, a comunidade tem cerca de 1.500 pessoas em 144 famílias dividido nos núcleos familiares. Mais tarde, com base em casamentos, outras famílias foram formadas, como os Florentino, Santos e Oliveira, se unindo à comunidade.

1.4 São Domingos: lugar de cultura e danças tradicionais

A comunidade tem ensaios e apresentações culturais, como jongo, reis, ticumbi e capoeira. Os grupos se reúnem em algumas casas para praticar e o mestre de saber, que usa um apito, lidera as danças, visitando as casas da comunidade e recebendo comida e bebida dos moradores.



Manifestações de grupos culturais da Comunidade São Domingos , 2024

1.5 A economia de São Domingos

A economia local é baseada no artesanato e na agricultura familiar, principalmente na mandioca, usada para fazer farinha e beiju, vendidos nas feiras. Na comunidade, há casas de farinhas que facilita a produção desses alimentos. Além disso, muitos Quilombolas também produzem artesanato com cipó, como cestas e peneiras, usando técnicas ensinadas pelos mestres de saberes.



2. Raízes ancestrais com os **MESTRES E MESTRAS** de saberes

Nossa cestaria Quilombola
une a sabedoria de mestres
com a riqueza da mata.
Que tal neste capítulo,
descobrir um pouco mais
sobre esse encontro?



Neste capítulo, vamos conhecer a importância de mestres Quilombolas. Eles são figuras respeitadas que transmitem tradições e histórias ricas, indo além do que é ensinado na escola. Com certificações que reconhecem sua sabedoria, nossos mestres mostram que o verdadeiro aprendizado vem da experiência e da história.

Caderno da Cestaria Quilombola

Continue a leitura para descobrir como você pode incluir esses ensinamentos valiosos em suas práticas educativas, enriquecendo a formação dos seus estudantes!



2.1 Raízes da cesta

Moisés Faustino Serafim, Quilombo São Domingos

Essa cesta ou cestinha é muito importante aqui no Quilombo. Cada casa tem uma. A gente usa pra tudo, frutas, verduras, remédio [...] É pequena, mas cabe bastante coisa. [...] Na feira, trocava por peixe ou carne. Agora, vendem nas lojas pra presente, bala, essas coisas. [...]



Produção de cestos realizados pelo Mestre de Saber, Moisés Faustino Serafim , 2023



Mestre de Saber, Moisés Faustino Serafim , 2023

Eu espero juntar três ou quatro pedidos pra ir pegar cipó, que é longe. O dinheiro que faço é minha renda. Antigamente, tinha cestas por toda parte, agora a procura está menor. Usava pra guardar remédios, frutas e verduras, que não tinha geladeira nas casas. Com energia chegando e geladeira, a produção de cesta diminuiu muito. [...] Eu faço vários tipos de cestas, mas algumas demoram mais, então prefiro fazer mais cestas. Gosto de trabalhar com isso[...]

Trabalho mais com o cipó imbé, canela, titara, maracujzinho. Comecei a fazer cestas com 15 anos, aprendi com meu pai, que aprendeu com meu avô. Desde pequeno, vou pegar cipó na mata. É bom que a mente fica melhor. Hoje, está difícil de achar cipó. Vou longe de bicicleta, Córrego São Domingos, Santana, até São Jorge pra pegar. Escolho os cipós que estão no chão, mais novos. O cipó que sobe no pau não é bom, já tá velho e fraco. A mãe do cipó, que é grossa, sempre deixo pra ter mais cipó. Quando pego, enrolo e separo em casa. Começo descascando o cipó, cortando com a faca para dar as 8 pontas, e monto a base.



Cesta produzidas pelo artesão Moisés Faustino Serafim , 2023

Coloco quatro pedaços lado a lado e quatro cruzados. Junto as pernas e faço a base com o cipó mestre [...] Se for cesta maior, coloco mais cipó, uso o cipó mestre no centro pra entrelaçar. Faço rápido, umas 8 cestas por dia [...] Pra durar, é preciso cuidar, lavar com água corrente e sabão, guardar seco. Aprendi com meu pai, foi difícil no começo, mas depois fiz sozinho. O cipó bom é entre 6 e 10 metros, com isso, faço umas 8 pequenas cestas em um dia. Uma cesta dura cerca de 2 anos, dá pra consertar, mas se quebrar o cipó mestre, desmonta tudo[...] Hoje, pouca gente tem interesse. Alguns conhecem o cipó e como faz cesta, mas não querem fazer[...]É importante e ajuda na mente da gente.

2.2 Raízes do Jacá

Lauro Brandino, Quilombo São Domingos

A gente tirava o cipó pra fazer jacá e não precisava raspar [...] Cortava os mourões e fazia[...]O jacá é pra botar nas costas dos animais com a cangaia. A gente fazia de cipó e carregava mandioca, feijão, amendoim, banana, água e até criança. Colocava a cangaia no animal, um jacá de um lado e outro do outro, enchia e ia embora [...] Cansava de ir pro baile, botava as crianças que não aguentavam andar, dentro do jacá. Tinha criança que até cochilava na viagem longa[...] A gente ia na roça, levava o animal com a cangaia, tirava duas, três cargas de mandioca, enchia o balaio e vinha pra casa de farinha [...]



Mestre de Saber, Lauro Brandino, 2023



Jacá produzidos pelo Mestre de Saber, Lauro Brandino, 2023

Sabia quantos sacos de farinha tinha [...] Um balaio dava meio saco de farinha [...] Media no coxo de tábua, que a gente usava pra medir farinha, milho, amendoim [...] Eu cresci na mata e ainda uso meu animal pra pegar cipó [...] Aprendi a fazer jacá com meu pai [...] Cada artesão tem seu jeito de fazer jacás, que também chamamos de 'balaio' ou 'quiçambas' [...]

Conheço meu trabalho, onde eu vou, se tiver jacá eu sei que qual eu fiz[...] Mesmo os jacás velhos eu reconheço[...]. Naquela época, não tinha carro, nosso transporte eram os animais. A gente vivia caçando e pescando, tudo era mata[.]. O jacá é um cesto grande de cipó, bojudo e achatado, feito com cipó jacaré ou timbó que é grosso pra aguentar peso. A gente usa também o imbé, o cipó fogo, o amarra marido, todos esses porque são grosso e aguentar mais...O jacá tem duas alças de corda pra pendurar na cangalha dos animais. Serve pra pegar milho, ração, água e até crianças.



Crianças carregadas no jacá , 2023



Crianças ao lado do jacá , 2023

Cuido da minha mata, que chamam de mata de Lauro, porque é o que sobrou...A mãe do cipó é a mais importante na mata, porque cuida dos filhos e tem que deixar ela pra eles ficarem fortes... Hoje, poucos se interessam em aprender a fazer jacás... Os jovens preferem telefone e carro...Eu monto no meu cavalo e viajo mais de 10 km pra pegar cipó quando não tenho na mata aqui do lado... Um jacá dura muito tempo se não ficar no sol e na chuva. Faço um jacá em um dia, mas leva dois dias pra completar um conjunto... Naquele tempo, o jacá valia muito dinheiro, era como nosso carro e carregava muita coisa... Hoje, as crianças não querem aprender, mas eu vou continuar fazendo até quando Deus me levar.

2.3 Raízes da **vassoura**

Balbina Valentim Serafim , Quilombo São Domingos



Mestra de Saber, Balbina
V. Serafim, 2023

[...] ia pro brejo, tirava o cipó, enrolava pra trazer pra casa. Aqui, a gente espalhava, desenrolava, cortava, raspava, pocava as bandas no dente ou com faca e separava os molhos. Aí amarrava a vassoura[...] Pra dar certo, tem que juntar um bom molho de banda, usando as duas mãos, até não caber mais. Amarra no meio com o próprio cipó e pega a parte de cima, joga por cima da parte de baixo, rodeando. Depois, amarra as partes de baixo com a parte de cima, em três partes, uma em cada lado e uma no meio[...] Aqui eu faço muita vassoura. Não fico parada. Depois que me aposentei, comecei a fazer[...]

Antes eu pegava cipó no brejo. Hoje, pago meu sobrinho ou peço pra quem me encomenda, se quiser pegar, dai eu tiro o trabalho de quem pegou lá para mim [...]Eu não vou mais no brejo agora que as pernas tão ruins e é perigoso, mas já peguei muito cipó antes de me aposentar[...] Naquela época, não existia vassoura que se usa um dia e joga fora[...] Usava muito a vassoura de cipó: pra casa, pra farinheira, pra forno de beiju, e durava muito tempo[...] Não podia molhar muito, mas se molhasse, era só por no sol que durava mais de ano[...] Nunca trabalhei pra homem; criei meus filhos plantando, pescando e catando caranguejo[...]

Com as empresas, meus filhos começaram a trabalhar pra elas, porque tudo foi acabando[...] Fazer vassoura é importante porque não fico parada... Todo mundo precisa de uma vassoura em casa. A pessoa encomenda e eu faço, pra não ficar parada. Se ficar só sentada, as pernas endurecem. Meu sogro morreu assim [...] Pra fazer a vassoura, é preciso variar a grossura do cipó. Se for grosso, são 200 a 220 ponteiros. Se for fino, 250 a 300 ou mais. A gente vê no olho [...] Uso vários materiais: cipó, prego pra abrir, madeira e cabos de vassouras que tiro na mata ou reaproveito. Arranco de uma e coloco em outra. O prego ajuda a espalhar o cipó e pregar os pontos. Se não tiver pregos, pode ficar sem, mas o cabo tem que ter o mesmo tamanho da vassoura [...]



Produção de vassouras da Mestra de Saber, Balbina V. Serafim, 2023

Levo uns 20 a 25 minutos pra fazer uma vassoura... Todos os dias usamos vassouras; às vezes quebra um cipó, mas dura muito. As que duram mais são feitas de cipós grosso [...] é o timbó, imbé, cipó cravo, cipó alho e até o amarra marido que é um pouco mais fino que o jacaré [...] O jacaré é muito grosso daí não dar não, pode deixar secar muito e nem queima muito no sol... Se o cipó estiver muito seco, a vassoura não dura seis meses [...] Prefiro usar cipós verdes, que coloco no sol, mas não queimados [...] As vassouras diminuíram com as plásticas. Elas varrem bem, mas não substituem as feitas à mão que são melhores pra tirar resíduos finos da horta.

2.4 Raízes do cesto

Carmelita Jerônimo, Quilombo São Domingos



(Mestra de Saber Carmelita Jerônimo, 2023)

O cipó que a gente usava pra vassoura, usava pra cesto. Pegava o cipó, chegava em casa, se queria cesto branquinho, raspava. Cortava o cipó do tamanho que queria, colocava mourões e começava a trançar, igual fazer trança no cabelo. [...] Ficava horas falando e contando histórias enquanto trançava. O cipó mestre é importante [...] Passava o cipó ao redor, um pra baixo e outro pra cima [...] No final, virava a boca do cesto pra não desenrolar. [...]

O tamanho do cesto dependia de como eu queria... O pessoal levava pra roça pra plantar mandioca. Colocava beiju no cesto e sabia quantas sacolas cabiam. Levava 15 a 20 sacolas. [...] Antigamente, usava cesto também pra guardar roupa... Minha mãe e meu pai tinham muito cesto... Fiz muitos cestos e trabalhei nos brejos do Córrego dos Negros e Córrego Santana. Passava a semana nos brejos, só via essa gente no domingo, dia de feira. [...] Naquela época não existia bacia, a gente pegava um cestão grande, balaio, enchia de roupa ou vasilha, colocava na cabeça e descia pro córrego. Nasci e cresci no Córrego Santana, hoje essa região tá tudo coberto de cana e eucalipto de se perder [...]

Naquele tempo, fazia barracas de sapê na mata e dormia lá a semana toda [...] Fazia muitos cestos e vendia nas feiras de Conceição da Barra ou São Mateus. Às vezes só voltava pra casa depois de 15 a 20 dias [...] Desde os 12 anos trabalhei na pesca, roça e artesanato. Fui fazendo cestos até os 80 anos [...]



Cesto produzido pela Mestra do Saber Carmelita Jerônimo, 2023)

O cipó-alho tinha muito aqui, mas tinha outros, como timbó, imbé, cravo, jacaré, tinha era muito[...] Usamos muito imbé e timbó, que são melhores de mexer [...] Os córregos secaram e o cipó acabou... Dizem que agora tem lá perto do córrego São Domingos[...] Ninguém pode cortar a mãe do cipó, que cuida dos filhos. Arrancar a cepa acaba com tudo [...] Deixa sempre o tronco [...] Pra trançar, a gente usa um cipó mestre pra formar o fundo. Coloca oito pedaços de cipó em cruz, que são as 'pernas' do cesto. Com o cipó mestre, trançava entre as 'pernas'. No final, fazia o arremate com as 'pernas' [...]

Meus netos não têm interesse em aprender a fazer cestos, porque não têm paciência, e não tem muita gente querendo comprar.



Cesto produzido pela Mestra de Saber Carmelita Jerônimo, 2023)

2.5 Raízes do Samburá

Zilda dos Santos, Quilombo São Domingos

A gente conhece ele como samburá. Faço de cipó trançado e usamos pra carregar peixes e mariscos. Ele é bojudo e de boca estreita, usado pelos pescadores. Tem boca menor em cima, com uma tampa que encaixa direitinho, e uma alça comprida pra levar no ombro. [...] O samburá fica dentro d'água durante a pesca e ajuda a pegar caranguejos, aumentando o tamanho das covas. É bem útil pra guardar pescado. [...] Usamos samburá pra pescar nos rios e lagoas, e também como decoração de festas.



Estudante da EJA e mestra de Saber, Zilda dos Santos, 2023

Aprendi com curiosidade, meu tio fazia cestos e eu vi ele trabalhar. Não é difícil, mas tem que ter paciência. Ficava olhando e pegava o cipó pra fazer[...] Meu tio fazia balaios e samburás que vendia na feira. Ele ia a pé pra cidade de madrugada. Não faço mais artesanato pra vender, mas tem quem procura. Eu fazia samburás, balaios e covos pro dia a dia. Agora faço só pra mim pra não esquecer como se faz. Eu fazia mais samburás pra colocar peixes. O samburá é uma cesta pra colocar verdura e coisas que compra na feira. Balaio é usado na roça pra pegar mandioca, feijão[...] Os tipos de cipós que uso para fazer balaio é o jacaré e timbó, para cesto, eu uso o imbé, timbó, amarra marido[...]

Nas cestinhas eu uso cipó canela, fogo, maracujzinho, titara e imbé. Aprendi tudo com meu tio. Pra samburá, uso cipó imbé. Teço o fundo, corpo, beira e a tampa maior que a boca. O cipó imbé é macio, até 15 metros de comprimento, e dura em contato com a água[...] Também uso cordas que compro. Para cestas, uso cipó maracujzinho, que é mais fino e bonito. Balaio eu faço com cipó canela e taboca[...] O segredo do samburá bonito é usar cipó imbé. Deixo secar por 3 a 4 dias e coloco de molho 30 minutos. Aí dura de 4 a 5 anos com uso.



Samburá produzido pela Mestra de Saber Carmelita Jerônimo, 2023)

[...] Gosto de trabalhar com cipó porque são macios e não quebram. Pra pegar cipó, desço na mata e uso uma faca. O usineiro derrubou árvores, mas deixou um pedaço de mata[...] Para fazer samburá, corto o cipó do tamanho certo...Começo no fundo, formando quatro pernas cruzadas e mais uma chamada "mindinha"[...] Aí trançamos pra fechar a base. O corpo é mais largo e boca menor, faço a tampa maior que a boca.

Faço primeiro os fundos e posso fazer uns 10 por dia, dependendo do tamanho[...] Antigamente, a pesca de camarão era feita pelas mulheres, e eu fazia 10 a 12 samburás por semana. Hoje, mudou muito. O mangue fechou e agora só pescam pouco nos rios. Antigamente, o pessoal pescava muito, mas muitos já morreram. A nova geração só quer trabalhar em empresas. Ensinei meu neto, mas ninguém quer valorizar nosso trabalho[...] Agricultura e pesca estão acabando porque os novos não se interessam. Meus filhos estudaram e trabalham em empresa de eucalipto. Ninguém tem interesse.

2.6 Raízes da Peneira

Balbina Valentim Serafim , Quilombo São Domingos

Naquele tempo, a gente chamava a peneira de arupemba ou urupema[...] Hoje, o pessoal chama mais de peneira. A gente usava pra debulhar milho e feijão[...] Contava histórias e a alegria era ouvir os mais velhos[...] Começava o dia peneirando massa. Tirava do coxo, jogava na peneira e mexia[...] Se a massa estava dura, jogava água e apertava[...] Rendia muito[...] Enchia a lata de goma e peneirava até ficar fininha, fazia beijus e farinha. Era muita fartura[...]



Mestra de Saber
Balbina V. Serafim,
2023



Peneira produzida pela Mestra do Saber Balbina V. Serafim, 2023

As peneiras servem pra mandioca, milho, pra peneirar farinha, goma, fazer beijus, cuscuz e canjicas[...] Tem pouca gente que faz, mas ainda vendem nas feiras, principalmente na festa de São João[...] Uma peneira custa 10 cruzeiro naquela época[...] A gente trabalhava muito com farinha e usava muito, mas agora, com as canas e eucaliptos aqui, a gente quase não produz, a terra não dá muito coisa[...]



A massa cuidadosamente peneirada utilizando a peneira artesanal, confeccionada pela Mestra de Saber Balbina V. Serafim, 2023

Muitas casas de farinha fecharam[...]As peneiras servem pra peneirar massa, goma, escolher feijão, várias coisas[...]. Na festa de São João, as mulheres procuram bastante na feira porque sabem que vai usar[...] Antes, o pessoal trabalhava mais com agricultura, artesanato, mas hoje os jovens não se interessam[...] Se as meninas aprendessem, seria bom, mas querem outra coisa[...] Aprendi a fazer peneiras com minha mãe, que me levava pra mata. Hoje, compro cipó de um rapaz que pega na mata perto. Faço peneira de uruba, cipó fogo e cipó imbé, tirando os cipós maduros e deixando os verdes... Corta uma parte e deixa a outra pra brotar[...] Pra fazer a peneira, a uruba é descascada e dividida em ripas[...] O tamanho assim eu não sei, a gente sabe olhando[...] Cruzamos duas ripas e colocamos mais, uma por cima e outra por baixo até completar e colocar os arcos[...] Fazer uma peneira grande leva metade do dia, e consigo fazer duas por dia[...] Hoje, o trabalho parece fácil, mas foi difícil aprender[...]

As peneiras duram anos, mas precisam ser lavadas e secas pra guardar.

2.7 Raízes da Luminária

Moisés Faustino Serafim, Quilombo São Domingos

Meu pai chamava de paneiro e urupema. As pessoas falam que é luminária. Antigamente, não existia luminária porque não tinha energia. Hoje a gente faz, mas quem compra mais são os que moram fora e têm condições. Aqui, as pessoas não ligam muito pra isso[...] É uma coisa pra enfeitar casas[...] Quando faço e coloco na estrada, param carros pra comprar, porque acham bonito de longe[...] É bojudo igual samburá, aberto embaixo, e parece uma vassoura, porque fecha em ponto.



Mestre de Saber, Moisés Faustino Serafim, 2023

Sempre fui atencioso com meu pai, principalmente quando minha mãe morreu. Antigamente, só tínhamos duas casas, a do meu pai e do meu tio, e não havia energia[...] Quando era criança, a vida era difícil. Meu irmão mais velho começou a trabalhar cedo pra sustentar a família[...] Crescemos livres, pegando caju e castanha. Era uma vida simples, mas éramos felizes[...]

Hoje, trabalho como artesão, fazendo cestas e luminárias, vendendo minhas peças na pista[...] Aprendi desde pequeno com meu pai a fazer artesanato e vivo disso até hoje[...] Eu parei de estudar no segundo grau...e não preciso de matemática para trabalhar[...] Eu não uso e nem lembro mais de nada porque faz bastante tempo que parei[...] Já me chamaram pra trabalhar na usina e empresa de eucalipto, mas nunca quis, não quero rotina de trabalhar para os outros e não ser valorizado[...]



Luminária produzida pelo Mestre de Saber Moisés Faustino Serafim , 2023

Sou do mato e gosto de viver assim[...] Faço minhas coisas embaixo da árvore, porque minha casa é cercada tem cana de um lado e eucalipto, sem espaço pra trabalhar[...] Moro sozinho na casa que meus pais deixaram[...]

Meus irmãos casaram e eu não tenho filhos, então minha renda depende disso e às vezes é apertado[...] Hoje sou referência no município... Fico feliz com o reconhecimento das pessoas, principalmente com o aumento do turismo, que as pessoas compram bastante no fim do ano[...] Quando alguém se interessa em aprender, falo da importância de cuidar da natureza e respeitar a mata, que dar o cipó[...] Faço luminárias, abajures, cestas e balaios, mas faço mais luminárias, balaios e cestas[...] Uso materiais como cipó imbé, bambu e cipó canela, que busco nas matas aqui perto e em lugares mais distantes[...] Aprendi a fazer artesanato observando meu pai e tios. Ao extrair cipó, cuido pra deixar a mãe do cipó, respeitando a planta[...] Pra fazer luminária, corto hastes de cipó e trançamos, apertando até tomar forma. Precisamos de apoio de órgãos públicos pra desenvolver mais esse trabalho e criar um centro de artesanato que incentive a produção e comércio. Sou artesão e sempre invento novas peças, usando habilidade e criatividade.

3. A MATA nas Práticas Culturais Quilombolas

Nossa cestaria Quilombola combina a sabedoria dos Mestres com os recursos de mata. Neste capítulo, vamos explorar de onde vem a matéria-prima e como os ensinamentos dos Mestres se entrelaçam com a natureza para dar vida a essas obras incríveis. Pronto para descobrir mais sobre esse encontro fascinante?



Mata da comunidade Quilombola de São Domingos, 2024

3.1 MATA adentro: tecendo aprendizagens com o cipó

3.1.1 Caminhando *Mata* adentro: primeiro encontro com o *mestre artesão Renan Oliveira*



Visita de campo na Mata da comunidade Quilombola de São Domingos, 2024

Olha, crianças, essa mata aqui antigamente era nossa casa. A gente dormia, fazia fogueira e passava o dia todo fazendo as coisas de artesanato, só voltava pra casa depois da feira [..] Antigamente, tinha cipó-timbó, cipó-imbé, jacaré e taboa, mas hoje tá difícil de achar por causa que cortaram as matas pra plantar eucalipto.



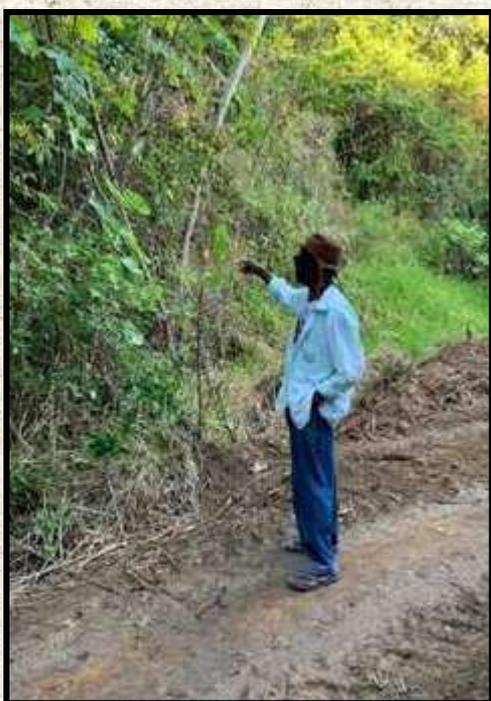
Córrego São Domingos que corta a Mata, 2024



Cipó encontrado dentro da Mata, 2024

Quando a gente entra na mata, tem que pedir licença pros nossos Orixás e ir devagar, como se fosse na casa de alguém[..] Esse cipó grosso é a mãe do cipó; se cortar ela, os filhinhos dela e ela morre tudo [..] Pra cortar o cipó, a gente deita a faca pra não machucar o cipó, sair o leite e fazer os 8 pontos[...]

Agora a gente enrola o cipó do cotovelo ao dedo e leva para descascar... A água daquela bica é muito importante pra essa mata[...] O rio São Domingos secou por causa dos eucaliptos, mas ficou bom de novo quando tiraram eles[...] A gente vivia bem na mata, tinha água, comida e remédio, tinha tudo[...] Fazia casa de pau e de sapê e ficava aqui, colhendo cipó pra fazer cestos[...]



Mestre de Saber, Renan Oliveira, transmitindo saberes da mata aos estudantes



Estudantes atentos a saberes transmitidos pelo Mestre na Mata

A mata é rica e cada peça que a gente faz é um pedaço da nossa alma. Mas, com essa plantação de eucalipto, o rio secou e a mata perdeu a força. Então, precisamos cuidar das árvores e dos bichos pra não deixar nossas tradições irem embora.

3.1 MATA adentro: tecendo aprendizagens com o cipó

3.1.2 Caminhando *Mata* adentro: Segundo encontro com a *mestra artesã Adelúcia Blandino*



Encontro com a segunda Mestra de Saber na Mata, Adelúcia Blandino

Essa mata é tudo pra gente! Aqui vivem os Quilombolas e dela tiramos tudo que precisamos. Antigamente, o cipó crescia por todo lado e era só sair pra colher [...] Fazíamos cestas, balaios e vassouras...Cada peça que eu fazia era parte da nossa terra e da sua história. Com a monocultura de eucalipto e cana-de-açúcar, o rio secou e a mata murchou. A água que era vida começou a faltar[...] Mas a gente não perdeu a esperança. Nos organizamos e derrubamos os eucaliptos perto de nós[...] Há três anos, o São Domingos voltou a ter água.



Visita de campo à Mata com os Mestres

A mata ficou verde e os cipós estão brotando de novo[...] Não é como antes, mas já é um começo. O cipó é nossa riqueza, nossa fonte de renda e aprendizado. Cada pedaço que colhemos tem significado[...] Olho pro cipó e vejo a força da nossa comunidade.



Mestra, Adelúcia Blandino, transmitindo Saberes do cipó e de plantas medicinais encontrados na Mata

A mata é nossa casa, dela tiramos o melhor pra viver e cuidar dos nosso filhos [...] Nela aprendemos nossas tradições e a importância de cuidar do meio ambiente. Cada planta e cipó tem uma história que passou de pai a filho. Levo meus netos pra mata, ensino a respeitar, mostro a mãe do cipó que não pode mexer e como entrar pedindo licença. Eles aprendem o valor do respeito [...] Essa mata é uma escola que ensina a cuidar bem. As empresas não respeitaram nada e acabaram com tudo. Era um tempo bom, com tudo aqui na mata.

3.2 MATA adentro: Conhecendo a mãe cipó

3.2.1 Caminhando *Mata* adentro: encontro com o mestre artesão *Domingos dos Santos*

O cipó é essa parte aqui, mais grossa, mais firme [...] Ela é quem dá a vida ao resto[...] Sem a mãe, não tem cipó que sobreviva[...] Se a gente cortar a mãe, acaba matando o pé do cipó todo, porque é ela que puxa a força da terra pros 'filhos', que são os ramos menores, que nascem do lado[...] Os filhos do cipó são mais finos, compridos e bons pra fazer a cestaria, aqueles detalhes que deixam ela bonita[...]



Mestre, Domingos dos Santos, transmitindo Saberes da Mãe do cipó na Mata

Quando escolho o cipó, eu olho pra grossura, comprimento e sinto o peso nas mãos. É uma matemática da natureza que a gente aprende no olho, no toque [...] A gente corta o cipó deitado, puxa e junta[...] Quando vejo que está boa a quantidade, começo a enrolar. Enrolo colocando no cotovelo e firmo passando no dedo grande, rodando e formando um círculo [...] Eu vou de bicicleta ou motinha pegar o cipó.

Quando volto da mata, coloco ele enrolado no bagageiro e sigo pra casa. Chegando em casa, estico e deixo de 2 a 3 dias pra descansar e secar um pouco. Depois começo a descascar e cortar do tamanho da cesta que quero[...] Terminando de cortar, vou nas marcações e “poco” ele, separando de 4 em 4 pra fazer a cesta[...]



Mestre, Domingos dos Santos, transmitindo Saberes das etapas de coleta do cipó na Mata

Coloco 17 fios, junto 4 em 4 e faço uma cruz [...] Um vai sobrar, que coloco um grosso, mais ou menos duas tiras juntas, e ele vai ser o cipó mestre que vai trançar[...] Então, começo a trançar, um por baixo e outro por cima até fazer a base. Depois, faço o corpo e a beira da cesta da mesma forma e viro a cesta. Tem que ter paciência [...] Aprendi tudo isso com meu pai. Já fiz jacá, cesto, balaio. Quando me encomendam, eu faço. Gosto muito de trabalhar com isso, mas cipó está difícil demais. Agora que voltou um pouco, conseguimos expulsar uns eucaliptos de perto dos brejos, e a mata voltou.

4. MATA + Mestre =

Produção de cestaria Quilombola do Sapê do Norte

A visita de estudo na mata retrata com o encontro de Mestres de saberes, culmina a produção da cestaria Quilombola. Ao somar a sabedoria da mata e a experiência do mestre, surge uma forma única de arte: a cestaria Quilombola do Sapê do Norte. Esta não é uma cestaria qualquer; é uma expressão cultural, caracterizada por formas e trançados que refletem a identidade do Território. Cada etapa da produção é uma aplicação de conceitos matemáticos, onde a precisão e a harmonia se manifestam em cada peça. A seguir, estão as etapas desse processo que retrata a profundidade da tradição.

1



2



3



4



5



6



7



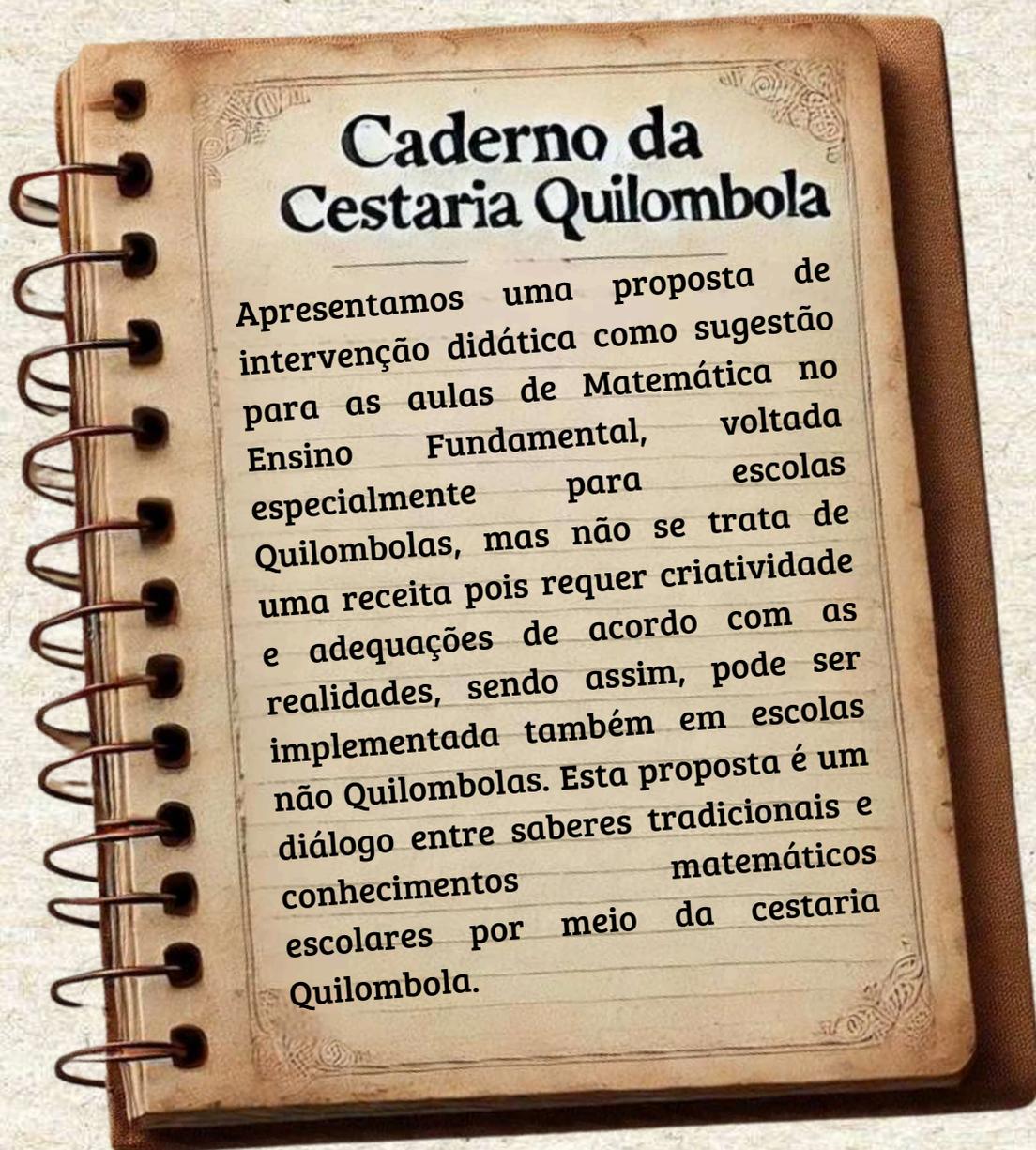
8



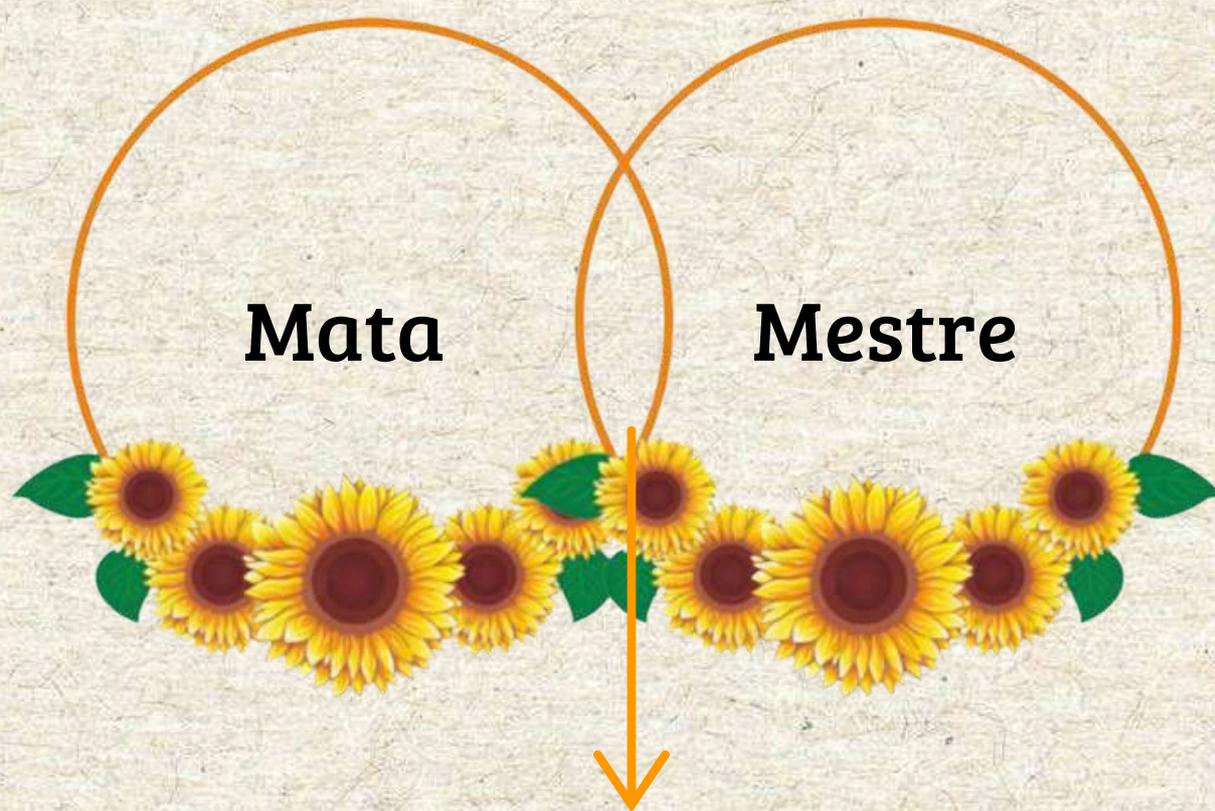
- 1- Identificação da mãe do cipó: Reconhecimento da planta fundamental para garantir a saúde da mata.
- 2- Seleção do cipó: Escolha do cipó apropriado, garantindo a preservação da mãe do cipó.
- 3- Corte do cipó: Realização do corte em ângulo para otimizar a extração do material.
- 4- Reconhecimento das marcas do cipó: Identificação dos pontos que definem a abertura das fibras no cipó.
- 5- Medição do cipó: Enrolar o cipó do cotovelo ao dedo indicador (cúbito) para padronizar o tamanho.
- 6- Transporte do cipó: Transporte do material cortado de forma segura até a casa.
- 7- Secagem do cipó: Esticagem e repouso do cipó para prepará-lo para o uso.
- 8- Preparação da cestaria: Processo de descascar, cortar e trançar para confeccionar os objetos artesanais.

5. Estratégias para aulas e verificação de aprendizagem

Segundo D'Ambrósio (2011), as diversas experiências de Matemática vivenciadas por estudantes em grandes centros urbanos, desenvolvidas em classes no meio rural e utilizada na cultura indígena são completamente distintas, influenciadas pelo contexto cultural e social. Por isso, as propostas didáticas são elaboradas sob a perspectiva da Etnomatemática, valorizando saberes de diversos povos e explorando os conhecimentos matemáticos em seus contextos de origem.



Elaborada em colaboração com a Escola Quilombola Mário Florentino, a proposta foi desenvolvida e validada no contexto da pesquisa de mestrado. A seguir, apresentamos as propostas didáticas, cada uma fundamentada em um tema gerador identificado a partir da pesquisa.



Cestaria Quilombola do Sapê do Norte

Buscamos fazer a conexão entre a mata e os mestres artesãos, entendendo a importância da matéria-prima, especialmente o cipó. A partir de visitas e histórias, cultivaremos o respeito pela natureza e pelo Saber tradicional, culminando na prática da cestaria.

Etapas do material

Exploração da Mata

- Realizar uma visita de campo à mata.
- Observar, conhecer e entender a coleta e preservação da matéria prima, cipó.
- Diálogo com mestres de Saberes sobre a importância da matéria-prima.

Histórias dos Mestres

- Escutar narrativas e saberes dos mestres Saberes.
- Discutir como esses saberes se entrelaçam com o currículo escolar.
- Refletir sobre a preservação das tradições e sua relevância.

Produção da Cestaria

- Juntar o que foi aprendido da Mata e dos Mestres.
- Iniciar a produção de cestarias, aplicando os conhecimentos adquiridos.
- Promover um espaço de reflexão sobre a importância da conservação e das práticas culturais.

5.1 Alinhando saberes

Motivação Inicial

Com base nas leituras dos textos do caderno sobre a cestaria Quilombola do Sapê do Norte, dê início ao trabalho de uma forma divertida e envolvente! Para capturar a atenção de todos e fazer com que reflitam desde o início, comece fazendo uma mística.



Caderno da Cestaria Quilombola

Sugiro que inicie com um quebra-gelo envolvendo uma música ou um poema relacionado à nossa temática. Que tal ouvirmos "Asa Branca" de Luiz Gonzaga? Para criar um ambiente acolhedor, pode-se dispor as cadeiras em forma circular, e pedir aos estudantes que se sentem no chão.

Se for possível, levá-los para debaixo de uma árvore ou para um espaço próximo à natureza tornará essa experiência ainda mais especial, permitindo que ouçam a música de forma leve e agradável. Após a música, dar espaço para que todos compartilhem como se sentiram ao ouvi-la e que reflexões ela suscitou. É uma oportunidade ótima para que os estudantes se expressem livremente! O professor pode intervir nas discussões, fazendo mediações e levantando pontos relevantes.

Motivação Inicial

Antes de apresentar as tarefas, trago um quadro resumido que lista as atividades, seus objetivos e os objetos de conhecimento dentro das unidades temáticas no componente curricular de matemática que estão associadas as tarefas para que possam trabalhar nas escolas.



Tarefa	objetivos	objetos do conhecimento
Tarefa I: Adedonha com os mestres de saberes	Observar e comparar atributos de objetos e figuras (cor, forma, tamanho e outros) para organizar, ordenar e/ou classificá-los de acordo com critérios estabelecidos. Ler e interpretar dados organizados em tabelas e em gráficos pictóricos ou de colunas simples.	<ul style="list-style-type: none"> • Padrões figurais e numéricos: investigação de regularidades ou padrões em sequências; Sequências; • Estatística. Leitura de tabelas e de gráficos de colunas simples.
Tarefa II: Cair na Mata	Identificar de que materiais são feitos os objetos que fazem parte da vida cotidiana, como esses objetos são utilizados e com quais materiais eram produzidos no passado, ressaltando e se apropriando da cultura local.	<ul style="list-style-type: none"> • Medição; • Contagem de elementos; encontrados na mata; • Padrões e agrupamentos com base nas características observadas
Tarefa III: Divertidamente com as etapas/ produção de cestaria	Ler, comparar e interpretar dados representados em tabelas simples de dupla entrada e em gráficos de barras simples ou de colunas simples. Resolver, com o suporte de imagem e/ou material manipulável, problemas simples de contagem.	<ul style="list-style-type: none"> • Estatística Coleta, classificação e representação de dados em tabelas simples e de dupla entrada e em gráficos de colunas. • Problemas de contagem.

Tarefa	objetivos	objetos do conhecimento
<p>Tarefa IV: Entrelaçando conjuntos de Cestaria Quilombola do Sapê do Norte</p>	<p>Estimar a quantidade de objetos de conjuntos por meio de estratégias diversas. Corresponder objetos de um conjunto com objetos de outro conjunto. Comparar quantidades de objetos de conjuntos e indicar a desigualdade; usando expressões como “tem mais” ou “tem menos”, ou indicar a igualdade.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Leitura, escrita, comparação e ordenação de números d pela compreensão de características do sistema de numeração decimal (valor posicional e papel do zero).
<p>Tarefa V: Matematizando cestaria Quilombola: uma aventura com Pop It</p>	<p>Utilizar características do sistema de numeração decimal para interpretar e produzir escritas e informações numéricas em situações diversas, como jogos e brincadeiras.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Composição e decomposição de um número natural de até seis ordens, por meio de adições e multiplicações por potências de 10.
<p>Tarefa VI: Fábulas na Floresta: AS aventuras dos pequenos cesteiros na Mata encantada</p>	<p>Interpretar e produzir escritas numéricas, levantando hipóteses sobre elas; com base na observação de regularidades, e utilizando-se da linguagem oral, de registros informais e da linguagem matemática. Resolver problemas envolvendo dobro e/ou metade, triplo e/ou terça parte utilizando estratégias pessoais, com o suporte de imagens ou material manipulável. Explorar diferentes formas de registro não convencional (representação gráfica de elementos visuais, desenhos, , jogos, etc.), bem como procedimentos e técnicas de registro convencional.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Leitura, escrita e comparação de números naturais • Reta numérica; • Problemas envolvendo significados de dobro, metade, triplo e terça parte. • Coleta e organização de informações.

Tarefa	objetivos	objetos do conhecimento
<p>Tarefa VII: Identidade Quilombola: O Plano de Estudo</p>	<p>Decidir sobre a necessidade ou não da utilização de uma unidade de medida padronizada. Descrever a localização de pessoas e de objetos no espaço dado um ponto de referência.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Medidas de comprimento, massa e capacidade: comparações e unidades de medida que não são convencionais. • Instrumentos e utensílios não convencionais utilizados para medição de grandezas.
<p>Tarefa VIII: Jogo das tarjetas: Cesta Quilomática</p>	<p>Reconhecer, desenhar e nomear figuras geométricas planas (quadrados, retângulos, triângulos e círculos) e identificar essas figuras em diferentes posições, em objetos do cotidiano ou em faces de sólidos geométricos.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Figuras geométricas planas: reconhecimento do formato das faces de figuras geométricas espaciais. • Reconhecer, desenhar, nomear e comparar figuras geométricas planas (quadrados, retângulos, triângulos e círculos). • Reconhecer figuras planas como faces de prismas e pirâmides.
<p>Tarefa IX: Jogo das partes: Encontre a cestaria</p>	<p>Desenvolver o raciocínio lógico e geométrico (habilidades de visualização, percepção espacial e análise de figuras); à resolução de problemas, coordenação motora e habilidades na utilização dos materiais a serem utilizados;</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Reconhecer, nomear e comparar figuras geométricas planas (triângulo, quadrado, retângulo, trapézio e paralelogramo). • Associar ângulos a mudanças de direção decorrentes de giros em torno de um ponto. • Identificar ângulos retos e não retos em polígonos.

5.2 Tarefa I: A dedonha dos *Mestres* de Saberes

Sejam bem vindos ao capítulo de tarefas. Espero que tenha bastante êxito com a utilização deste material. Vamos iniciar realizando uma atividade bem divertida chamada "Adedonha dos Mestres de Saberes"! Para isso, você, professor, deverá imprimir e recortar as cartas com as pistas abaixo. Caso tenha dúvida revise as páginas anteriores para saber mais sobre o conteúdo dessa tarefa.



Em seguida, embaralhe as cartas e distribua uma para cada estudante. Cada estudante vai mostrar a sua imagem aos colegas, mas sem dizer quem é o mestre ou o que ele faz. Em vez disso, ele fornecerá a pista sobre a prática ou o saber representado.



Ele utiliza a natureza para curar doenças com saberes passados de geração em geração.



Ela transforma a mandioca em uma delícia fina e recheada, típica da nossa mesa.



Ele transforma fibras da natureza em objetos que contam a história do nosso povo.



Batem pandeiros e cantam com alegria, celebrando São Benedito!



Ela trabalha com ingrediente que traz cor e sabor em pratos tradicionais da nossa cultura.



Com as mãos de artista, ele dá forma à terra, criando um cantinho que a alegria encerra.

Lembre-se de acompanhar as discussões após cada rodada, ajudando os estudantes a refletirem sobre a importância de cada saber na nossa cultura. Vamos nos divertir e aprender juntos nessa jornada de valorização dos nossos mestres!



Após cada adivinhação, pedir aos estudantes que preencham o quadro com as informações sobre cada mestre, escrevendo o nome e a atividade dela.

Imagem	Pista	Resposta
	<p>Ele utiliza a natureza para curar doenças com saberes passados de geração em geração.</p>	
	<p>Ela transforma a mandioca em uma delícia fina e recheada, típica da nossa mesa.</p>	
	<p>Ele transforma fibras da natureza em objetos que contam a história do nosso povo.</p>	
	<p>Batem pandeiros e cantam com alegria, celebrando São Benedito!</p>	
	<p>Ela trabalha com ingrediente que traz cor e sabor em pratos tradicionais da nossa cultura.</p>	
	<p>Com as mãos de artista, ele dá forma à terra, criando um cantinho que a alegria encerra.</p>	

5.3 Tarefa II

Cair na MATA

Nesta atividade, é muito interessante organizar uma visita de campo na mata com mestres artesãos que poderão orientar os estudantes sobre as riquezas naturais e a cultura local.



Essa experiência prática trará um aprendizado significativo, permitindo que os estudantes vejam de perto a relação entre saberes ancestrais e a natureza.

Preparação

Antes da visita, converse com os estudantes sobre o que eles esperam encontrar na mata. Peça que desenhem suas ideias sobre as plantas e os animais que imaginam ver. Isso irá estimular a criatividade e o interesse.

Visita de Campo

Durante a visita, utilize o conhecimento dos mestres artesãos para guiar os estudantes. Incentive-os a observar atentamente as plantas, as texturas, as folhas, os sons dos animais e as cores ao seu redor. Os mestres podem compartilhar informações sobre como utilizam a natureza em suas artes e o respeito necessário para preservar esses recursos.

Registro das Observações:

Após a exploração, peça que os estudantes comparem seus desenhos iniciais com o que realmente viram. Eles podem adicionar novas informações, detalhes e até mesmo emojis ou palavras que representem as emoções sentidas durante a caminhada.

Desenho antes da visita	Desenho depois da visita

Exemplificando **desenhos produzidos da visita a mata**

Para exemplificar esta atividade, apresento um modelo que foi criado durante minha pesquisa, que pode servir de fonte de inspiração para vocês. De acordo com Bishop, as seis atividades — contar, localizar, medir, desenhar, brincar e classificar — são destacadas nesta proposta. Nesta atividade, a comparação entre os desenhos iniciais e o que foi realmente observado enfatiza a importância de adicionar novas informações e emoções. Aproveitem a oportunidade de expressar suas experiências de forma criativa!

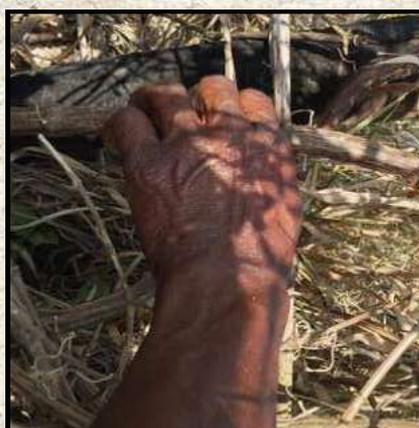


Desenhos produzidos pelos estudantes da EMEF "Mário Florentino"

5.4 Tarefa III

Mata + Mestre = Cestaria Quilombola do Sapê do Norte

Mostre aos estudantes algumas fotos que documentam as etapas de produção da cestaria Quilombola. Pergunte o que eles veem nas imagens e o que acham que é necessário para fazer a cestaria. Em seguida, entregue as figuras abaixo das etapas impressas e peça que recortem!



Etapas de produção da cestaria Quilombola do Sapê do Norte

5.4.1 Tarefa III

Etapas de Cestaria Quilombola do Sapê do Norte

Peça aos estudantes que observem as imagens das etapas e pensem na ordem em que elas acontecem. Em seguida, deverão recortar os cartões da página anterior com as imagens e colar na ordem correta, numerando de 1 a 9. Vamos nos divertir enquanto aprendemos!



Professor, depois de realizar esta tarefa, reúna a turma para uma roda de conversa. Pergunte como a mata e os mestres são importantes nesse processo. Essa tarefa divertida vai ensinar muito sobre a cultura local e o trabalho dos nossos artesãos, tudo enquanto se divertem criando!

Divertidamente
com as etapas de produção da cestaria

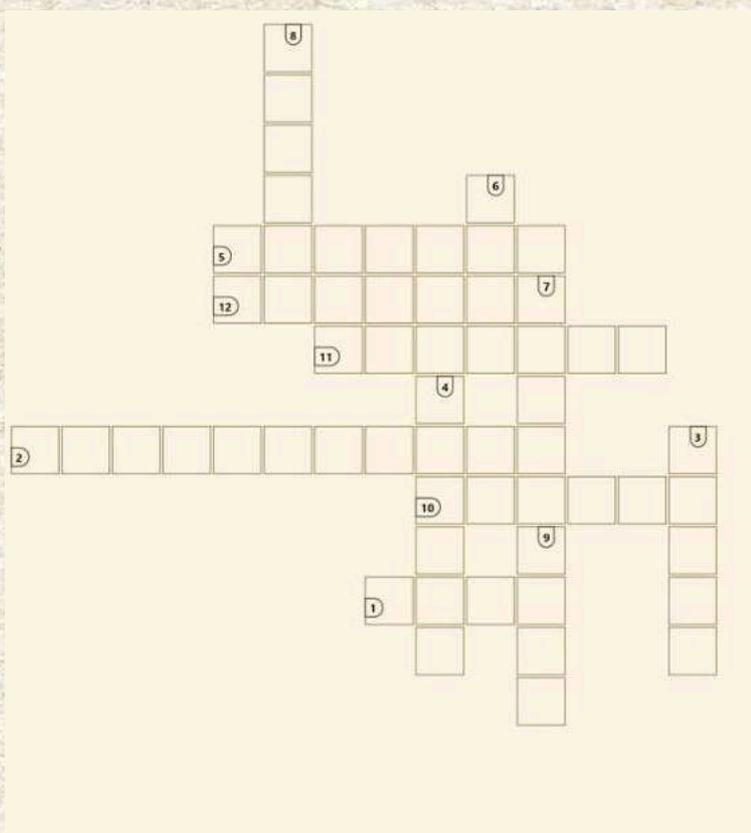
5.4.2 Tarefa III

Cruzadinha de *Cestaria Quilombola* do Sapê do Norte

Explique aos estudantes que vamos fazer uma cruzadinha sobre a cestaria! Peça que leiam as dicas com atenção e observem o número de letras de cada palavra. Incentive a colaboração entre eles, ajudando uns aos outros nas respostas. Ao final, discutam as respostas juntos, reforçando o aprendizado. Boa diversão!



Divertidamente com a produção de cestaria



- 1-Onde colhemos o cipó.
- 2-A responsável por gerar o cipó.
- 3-Ato de retirar o cipó.
- 4-São as tiras que, juntas, formam a cestaria.
- 5-Para manusear as fibras e formar a cestaria, é preciso entrelaçá-las.
- 6-É o que dá apoio e de onde o artesão começa a fazer a cestaria.
- 7-Matéria prima que usamos para fazer cestaria.
- 8-Os que transmitem saber sobre o cipó.
- 9-Gramínea de raiz profunda presentes nas comunidades Quilombolas no Norte do Espírito Santo.
- 10-Cestaria utilizada pelos Quilombolas para colocar roupa.
- 11-Cestaria utilizada pelos Quilombolas para peneirar goma para fazer beiju.
- 12-Cestaria utilizada pelos Quilombolas nas roças para plantar mandioca.

5.5 Tarefa IV

Entrelaçando conjuntos de *Cestaria Quilombola do Sapê do Norte*

Neste exercício, vamos brincar de organizar os conjuntos de cestaria! A seguir, apresentamos uma lista de tipos de cestaria, cada um com um nome especial e uma função única.



CADERNO DA CESTARIA QUILOMBOLA



Peça aos estudantes para descobrir juntos como classificar as cestas usando critérios matemáticos, como forma, tamanho ou função. Vamos nos divertir explorando e aprendendo com essa arte incrível!

5.5 Tarefa IV

Entrelaçando conjuntos de *Cestaria Quilombola do Sapê do Norte*

Observe os conjuntos de cestaria abaixo e pense em suas características e nos critérios matemáticos utilizados para organizá-los, em seguida discutam suas observações em grupos ou com a turma.

CONJUNTO A



CONJUNTO C



CONJUNTO B



CONJUNTO D



CONJUNTO E



Neste exercício, vamos brincar de descobrir como organizamos os diferentes conjuntos de cestaria usando um critério matemático! Olhe com atenção para os conjuntos anteriores de cestaria que apresentamos e pense sobre como eles estão agrupados. Vamos responder algumas perguntas e descrever as características de cada conjunto.



Qual (is) critério(s) foi adotado(s) para organizar os conjuntos de cestaria? Você pode observar o número de elementos, a forma, o tamanho ou o tipo de material. Escreva aqui o critério que você encontrou:



Agora, olhe para todos os conjuntos de cestaria que apresentamos e escreva sobre as características deles. Preste atenção na base, altura, comprimento e largura da cestaria. Você também pode falar sobre o material utilizado e a forma. O que você pode notar sobre cada conjunto?



5.6 Tarefa V

Matematizando Cestaria Quilombola: Uma Aventura com POP IT

Oi, pessoal! Você já brincou e sabe o que é o **Pop It**? Que tal hoje aprendermos matemática na cestaria brincando com ele? Vamos nos divertir e descobrir coisas novas juntos! Venha conhecer e aprender!" 🍌🍰🌟



Foto ilustrativo do brinquedo Pop It

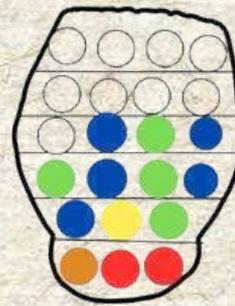
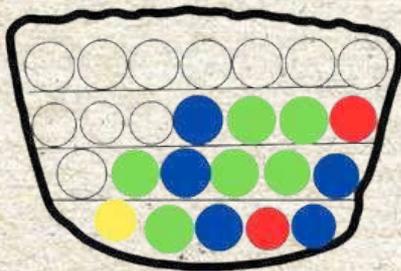
Antes de começar essa atividade, certifique-se de ter em mãos placas físicas de **Pop It** para usar na motivação e distribuir para os estudantes manuseá-las. Pergunte aos estudantes se eles sabem o que é um Pop It, estimulando a participação deles ao compartilharem suas experiências. Explique que o **Pop It** é um brinquedo sensorial divertido, que permite estourar bolhas, e pode ser utilizado para trabalhar conceitos matemáticos, como contagem e padrões. Em seguida, organize os estudantes em duplas para que manuseá-los os Pop Its. Em seguida, oriente os estudantes a realizar as tarefas a seguir, incentivando a relação entre a brincadeira e a matemática. Por fim, peça que compartilhem suas descobertas com a turma, promovendo um ambiente colaborativo e divertido.

Matematizando Cestaria Quilombola: Uma Aventura com

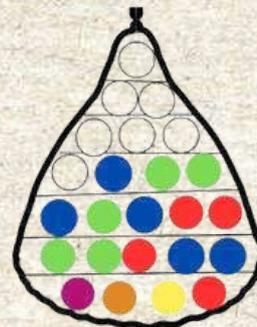
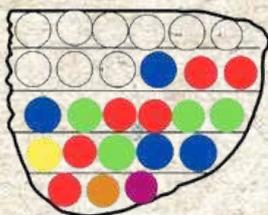
POP IT

Atividade 1- Para a realização das atividades abaixo, vamos definir que:

 1 UNIDADE	 1 DEZENA	 1 CENTENA
 1 UNIDADE DE MILHAR	 1 DEZENA DE MILHAR	 1 CENTENA DE MILHAR



.....



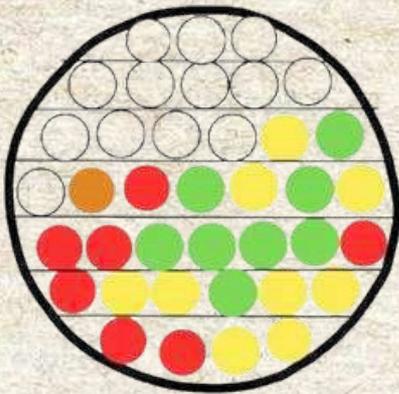
.....

Matematizando Cestaria Quilombola: Uma Aventura com

POP IT

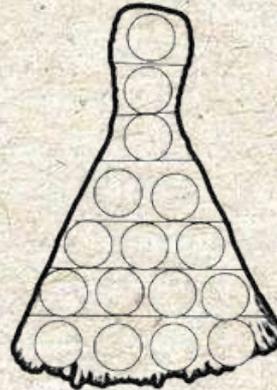
Atividade 2: Realize as operações abaixo e após utilize o pop-it para representar a sua resposta conforme a legenda dada:

a) $12\ 873 + 6\ 907 =$

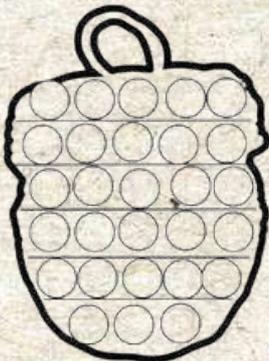


$$\begin{array}{r} 12873 \\ + 6907 \\ \hline 19780 \end{array}$$

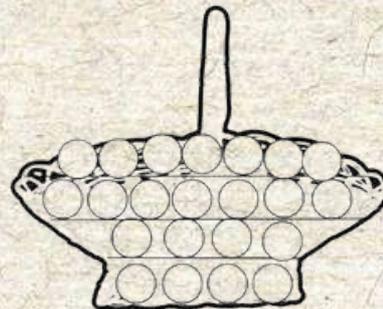
b) $9\ 678 - 6\ 587 =$



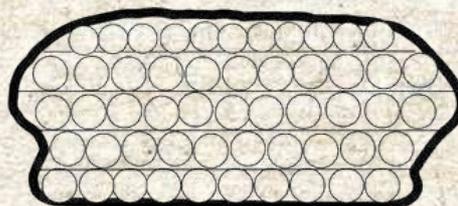
c) $52\ 870 + 9\ 438 =$



d) $6\ 538 - 5\ 069 =$



e) $10\ 500 + 580 =$



5.7 Tarefa VI

Fábulas na Floresta: As aventuras dos pequenos cesteiros na Mata encantada

Venha se encantar com "As Aventuras dos Pequenos Cesteiros na Mata Encantada"! Nesta história divertida, matemática e criatividade se juntam em uma mágica jornada pela floresta! 🌳🍵🌟



Créditos a professora Luana Lopes pela autoria: Mestranda do Programa de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS) pelo IFES, Professora de Língua Portuguesa do município de Conceição da Barra, com experiência profissional na Educação do Campo no mesmo município. Autora e narradora de histórias.

Caro Professor,

Para a nossa próxima aula, é importante que você acesse o QR Code no final desta obra para obter o material da fábula. Esse material está disponível em formato PDF, que pode ser projetado se você tiver um data show ou impresso em cores. Dessa forma, você poderá fazer a leitura diretamente para os estudantes, mostrando as imagens e interagindo com eles durante a narrativa. Aproveite essa oportunidade para envolver seus estudantes na história! Após a leitura, realizar as atividades das próximas páginas, contextualizando inicialmente de forma oral e coletiva com os estudantes.

Fábulas na Floresta: AS aventuras dos pequenos cesteiros na **Mata** encantada



Depois, veio o desafio de geometria! O Senhor Trançado mostrou aos pequenos cesteiros como criar padrões geométricos simples, como quadrados e triângulos, usando os cipós entrelaçados.

Eles se divertiram criando diferentes desenhos e formas.

Por fim, chegou a hora de colocar em prática tudo o que aprenderam.

Os pequenos cesteiros trabalharam em equipes para criar suas próprias cestas, usando os cipós e fibras que encontraram na mata.

Eles se dedicaram a entrelaçar, trançar e tecer, aplicando os conceitos matemáticos que aprenderam ao longo do caminho. Ao final do dia, cada equipe apresentou sua cesta e contou uma história sobre sua criação.

Usando desenhos coloridos e muita imaginação, compartilharam suas aventuras na Mata Encantada, mostrando como a matemática e a cestaria podem se unir para criar obras de arte incríveis.

E assim, os pequenos cesteiros descobriram que a matemática está em todos os lugares, até mesmo na natureza, e que a cestaria é uma forma mágica de expressar criatividade e habilidade.

Com sorrisos no rosto e cestas nas mãos, despediram-se do Senhor Trançado, prontos para continuar explorando e aprendendo na Mata Encantada.

Fábula "As aventuras do pequenos cesteiros na Mata encantada" de Luana Lopes, professora de Língua Portuguesa.

Tarefa 1

Após a leitura da fábula, o professor deve fazer perguntas sobre elementos matemáticos presentes nela. Em seguida, pode solicitar que os estudantes respondam aos questionamentos da folha impressa.



Após da história "As Aventuras dos Pequenos Cesteiros na Mata Encantada", vamos nos divertir resolvendo alguns problemas! Usando as ilustrações da fábula como inspiração, podemos primeiro pensar nas respostas juntos e depois até desenhar ou escrever no papel. Vamos lá!



Quantos cipós os pequenos cesteiros contaram para fazer suas cestas?



Se cada pequeno cesteiro fez três trançados diferentes, quantos trançados foram feitos no total?



Se cada pequeno cesteiro fez uma cestaria, quantas cestarías foram feitas ao todo?



Se cada pequeno cesteiro usou quatro cipós, quantos cipós foram usados por quatro cesteiros?



Se o Senhor Trançado cortou cada cipó em pedaços de meio palmo e cada cestaria precisa de quatro pedaços, quantos pedaços um pequeno cesteiro usou para fazer três cestas?

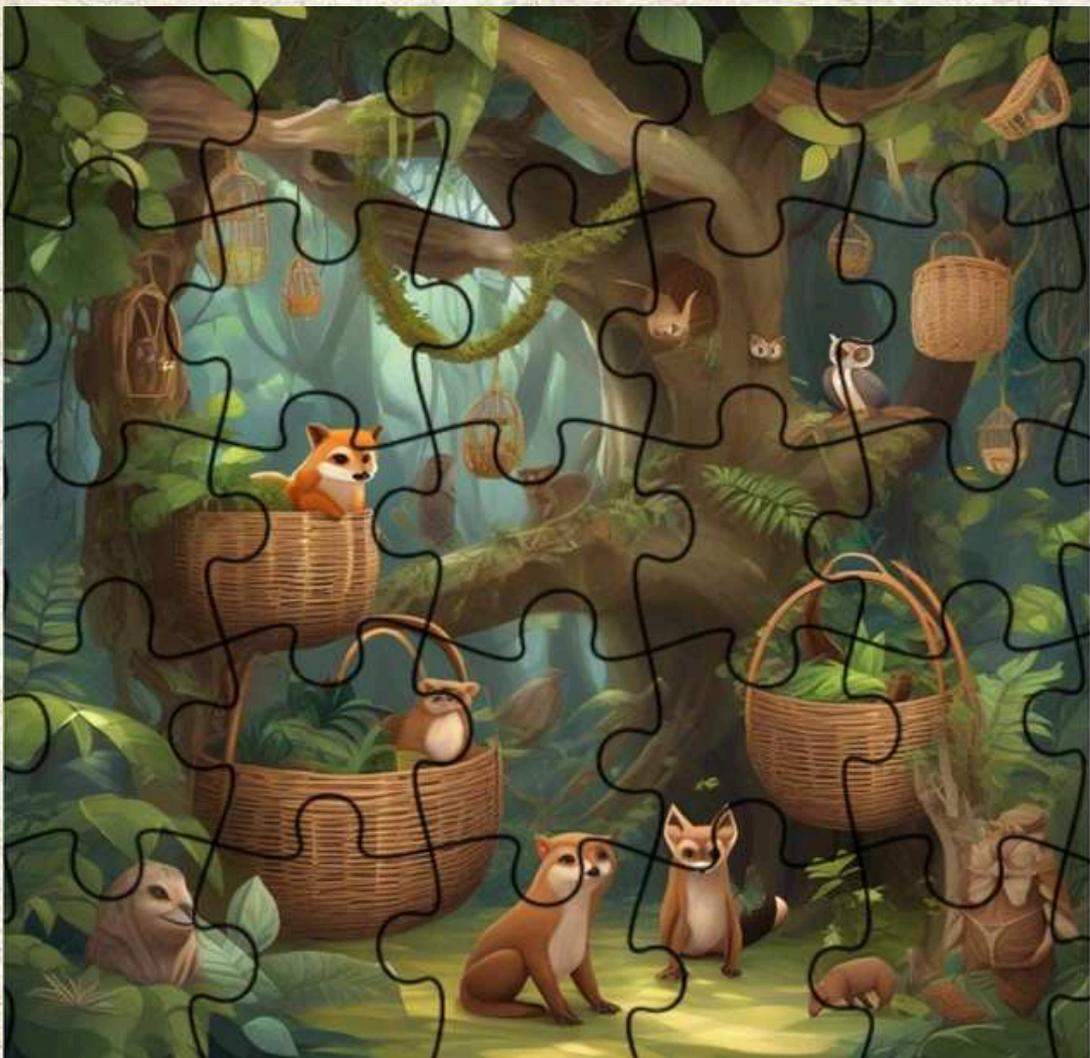
Tarefa 2

Antes da aula, imprima o material do quebra-cabeça e recorte as peças para montar o jogo para cada grupo. Em seguida, divida a turma em grupos para que possam montar o quebra-cabeça juntos.



Vamos nos divertir com uma atividade incrível!

Hoje, cada grupo vai receber um jogo de quebra-cabeça com 35 peças, todas com a linda imagem da história "As Aventuras dos Pequenos Cesteiros na Mata Encantada". Dividiremos a turma em três grupos para trabalhar juntos e montar o quebra-cabeça. Enquanto montam, poderão explorar a imagem e lembrar das aventuras dos pequenos cesteiros na floresta. Vamos lá, mãos à obra!



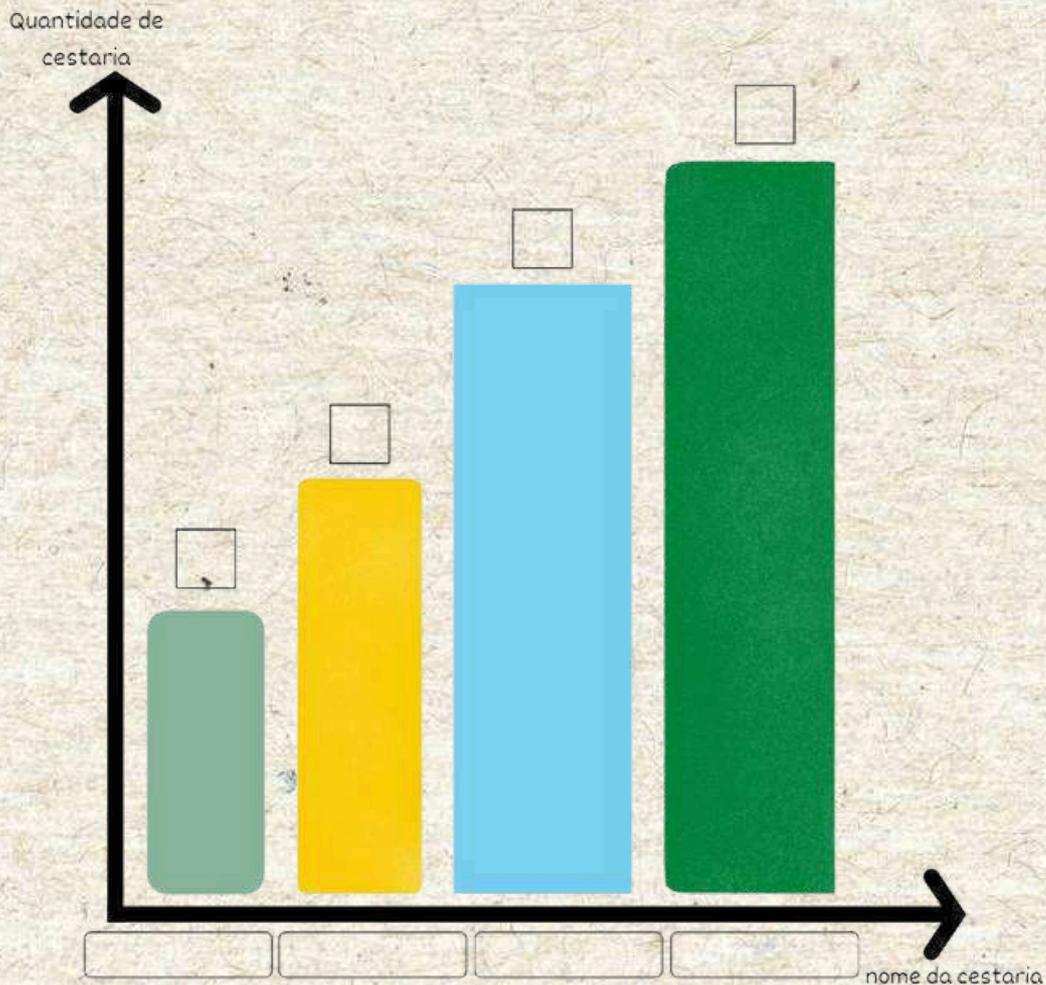
Jogo de montagem, quebra cabeça, a partir da fábula "As aventuras dos pequenos Cesteiros na Mata encantada"

Tarefa 3

Após a montagem do quebra-cabeça, os estudantes estarão prontos para responder às duas tarefas seguintes. Use este momento para motivá-los contando as cestas e analisando a simetria e singularidade de cada uma que fez parte do jogo de montagem.



Agora vamos brincar com o nosso gráfico! Abaixo, você vai ver um gráfico que nos ajudará a contar as cestas que encontramos no quebra-cabeça. Em um lado, escrevemos os nomes das cestas, e no outro lado, a quantidade de vezes que cada uma aparece.



Tarefa 4

Peça aos estudantes que olhem atentamente para o gráfico. Motive-os com uma breve conversa sobre a importância da interpretação de dados. Em seguida, solicite que respondam às questões abaixo, incentivando a participação e a análise crítica!



Vamos olhar bem para o gráfico e depois responder às perguntas divertidas!

Qual cestaria apareceu mais vezes?

Qual cestaria apareceu menos vezes?

Se somássemos o número de cestos com u de cestinhas, qual seria a quantidade total?

Se juntássemos todas as cestarias, quantas teríamos

Se tirássemos as cestas, quantas cestarias restariam?

Nosso jacá é maior ou menor que a cestaria do Senhor Trançado? (Lembrando que trouxemos um jacá para comparar!)

Se usamos 10 cipós para fazer o samburá e cada cipó tem dois palmos de comprimento, quantos palmos de cipó foram usados ao todo?

Quantos padrões geométricos diferentes conseguimos identificar no nosso quebra-cabeça da cestaria? (Vamos lembrar dos quadrados, triângulos e outros padrões!) _____

Tarefa 5

Peça aos estudantes que criem suas próprias histórias matemáticas, conectando tudo o que aprenderam até agora. Eles podem inventar uma aventura onde os cesteiros usam a matemática para resolver um problema na floresta. Assim, suas histórias unirão tudo o que estudamos e se tornarão ainda mais especiais!



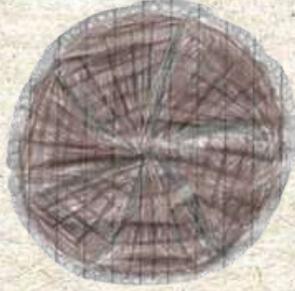
Vamos criar histórias matemáticas que estejam ligadas a tudo o que aprendemos até agora! Lembrem-se dos mestres de saberes, da mata encantada e da cestaria que fazemos. Você pode inventar uma aventura onde os cesteiros precisam usar a matemática para resolver um problema na floresta. Use o quadro abaixo para fazer o seu desenho e, em outra parte, escreva a sua história. Assim, suas histórias vão juntar tudo o que estudamos e se tornar ainda mais especiais!

Desenho	História

Exemplificando saberes matemáticos a partir da visita de estudo.

Para essa atividade, trago como forma de inspiração um modelo realizado na minha pesquisa. Este exemplo pode ajudar a visualizar matemática presentes em saberes que estamos desenvolvendo, a partir das seis atividades propostas por Alan Bishop, em específico o desenhar e explicar, habilidades muito presentes nessa tarefa.



Registros da visita	Desenho do estudante	Frase, história ou palavra do estudante
		Ele é grande, segurado de cipó. Círculo e usa para levar água. (Chico Prego, 4º ano)
		A luminária serve para colocar na lâmpada. Na luminária, tem trança, tem círculo e ela é um triângulo. (Constância de Angola, 3º ano)
		Eu gostei da peneira de Dona Carmelita. Ela é larga e rasa e ajuda peneirar. (Zumbi dos Palmares, 4º ano)

5.8 Tarefa VII

I dentidade Quilombola: O Plano de Estudo

Peça aos estudantes que tragam a cestaria de suas famílias e apresentem aos colegas, contando o nome da cesta, sua função e materiais usados na produção. Motive-os destacando a importância de valorizar nossas culturas e tradições. Enquanto falam, toque uma música divertida ao fundo para animar a sala! Após as apresentações, leia a motivação e os objetivos do plano de estudo, explicando sobre os saberes tradicionais da cestaria Quilombola. Em seguida, eles responderão o questionário em família. Vamos juntos nessa jornada!



Tema Gerador:

A vida no campo e as comunidades Quilombolas.

Motivação:

Descobrir como nossos antepassados viveram, lutaram por liberdade e construíram seus lares em meio à natureza, aprendendo a viver de maneira livre e autônoma.

Objetivos do Plano de Estudo:

- Compreender o papel dos artesãos na cultura Quilombola.
- Explorar materiais da natureza, como cipó, usados na cestaria.
- Estimular a curiosidade por meio de histórias, desenhos e atividades práticas.
- Promover o compartilhamento de experiências familiares relacionadas ao tema.

5.9 Tarefa VII

I dentidade Quilombola: O Plano de Estudo

Sente com sua família e responda o questionário abaixo:

1- Quais atividades agrícolas relacionadas à natureza sua família realiza ou já realizou? Descreva como essas atividades são desenvolvidas.

2- Que tipos de coisas sua família já fez usando cipó? Você lembra de alguma?

3- Quem ensinou sua família a fazer essas coisas? O que você aprendeu com eles?

4- Como sua família tem ensinado essas coisas para você? O que você já aprendeu?

5- O que você acha que precisamos saber de matemática para fazer cestaria?

6- Qual é o tipo de cipó mais usado na sua comunidade?

7- Para que servem as coisas que sua família faz com cipó? Vocês usam ou vendem? Onde vendem?

8- Você percebe muita gente na comunidade fazendo artesanato? Por que isso acontece?

9- Está difícil conseguir cipó? Por que você acha que isso está acontecendo?

10- O que podemos fazer para conseguir mais cipó? Vamos pensar juntos em soluções!

5.9 Tarefa VIII - Jogos didáticos

5.9.1 Jogo das tarjetas: **CestaQuilomática**

Recorte e distribua as cartas aos estudantes e peça que escolham os tipos de cestaria que suas famílias produzem ou já produziram para que possam preencha-la. Na tarjeta superior de cor amarela, oriente que devam escrever o nome da cestaria, e nas demais tarjetas devem descrever três características matemáticas que envolva a peça.



Siga o modelo abaixo de um estudante durante o desenvolvimento da minha pesquisa.

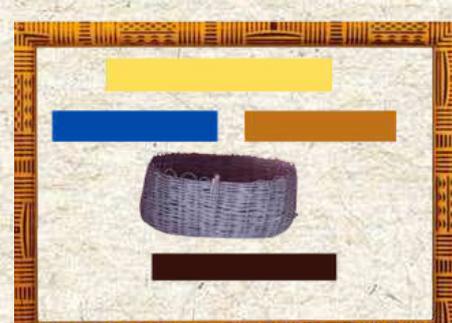
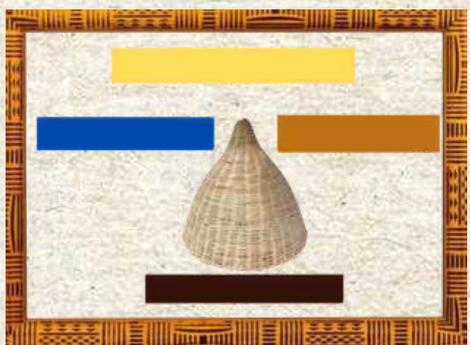
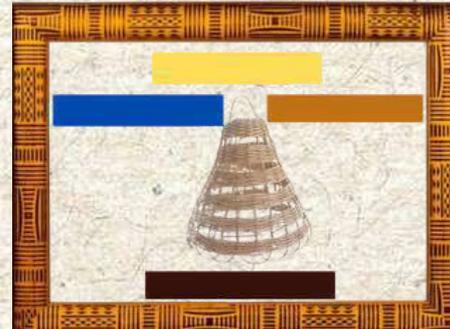
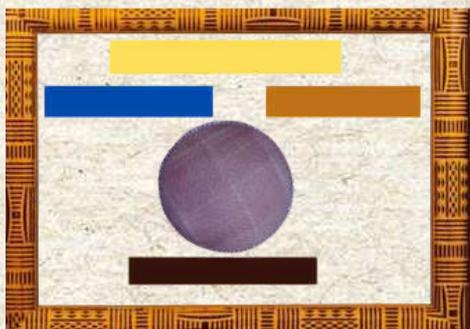


Modelo preenchido de um estudante durante a aplicação da pesquisa de mestrado

Em seguida, motive os estudantes para que produzam desenhos em seu caderno de sua peça e forme frases que envolva as tarjetas.

5.9.1 Jogo das tarjetas: **CestaQuilomática**

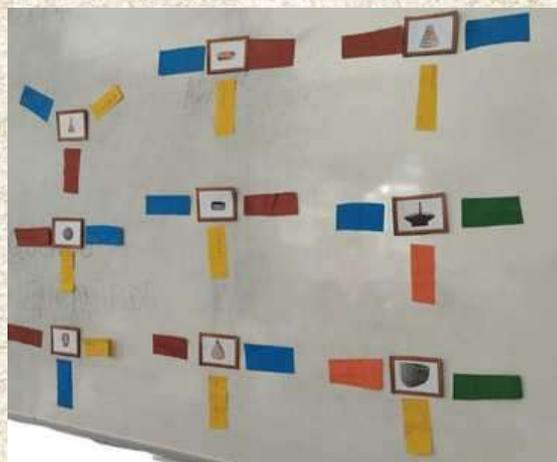
Olá! Na nossa aventura CestaQuilomática, escolham os tipos de cestaria que suas famílias produzem! Na tarjeta amarela, escrevam o nome da peça. Nas outras tarjetas, coloquem três características matemáticas que ela possui. Em seguida, em seu caderno produza desenhos de sua peça e forme frases que envolva as tarjetas. Vamos descobrir juntos o que torna essas cestarias especiais e como a matemática está presente nelas!



Carta com imagens de cestaria das famílias dos estudantes (levantamento de cestaria realizado na aplicação do Plano de Estudo)

Exemplificando a Cesta Quilomática

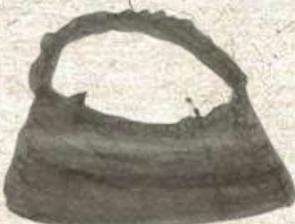
Para exemplificar esta atividade, apresento um modelo que foi elaborado durante minha pesquisa. Esse exemplo pode servir como uma fonte de referência para vocês. De acordo com Bishop, as seis atividades — contar, localizar, medir, desenhar, brincar e classificar — estão evidenciadas nesta proposta.



Apresentação das tarjetas dos estudantes

Exemplificando a **CestaQuilomática**

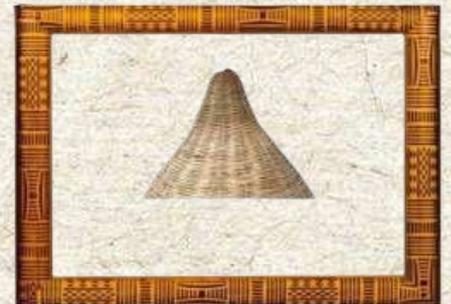
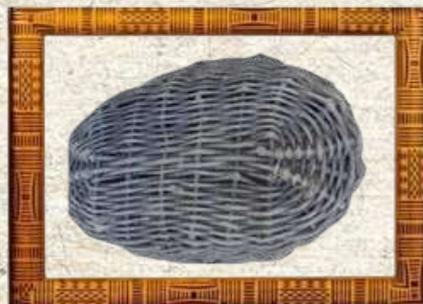
Para exemplificar esta atividade, apresento um modelo que foi elaborado durante minha pesquisa. Esse exemplo pode servir como uma fonte de referência para vocês. De acordo com Bishop, as seis atividades — contar, localizar, medir, desenhar, brincar e classificar — estão evidenciadas nesta proposta.

Tarjetas respondidas pelos estudantes	Desenho do estudante	Transcrição das tarjetas e frases
		<p>Tarjeta 1: tem triângulo Tarjeta 2: Em cima é arredondada Tarjeta 3: De cipó Frase: A vassoura é para varrer</p>
		<p>Tarjeta 1: A cesta é arredondada Tarjeta 2: Ela é funda Tarjeta 3: Ela é gorda Frase: O samburá é de colocar roupa.</p>
		<p>Tarjeta 1: oval Tarjeta 2: cipó Tarjeta 3: redondo Frase: O cesto é de colocar roupa suja.</p>

Produção de desenhos e frases depois da apresentação das tarjetas

5.9.2 Jogo das partes: **Encontre a cestaria**

Peça aos estudantes que participem do jogo de cartas, onde eles poderão embaralhar, nomear a cestaria e classificar os aspectos matemáticos envolvidos. Durante o jogo, incentive discussões sobre a diversidade de nomenclaturas da cestaria na comunidade, destacando como isso enriquece nosso entendimento coletivo. Para esta atividade, é importante que tenha aplicado o plano de estudo para fazer um levantamento de cestaria presente na comunidade.



Cestaria produzida pelas famílias de estudantes da comunidade São Domingos

Vamos aproveitar essa oportunidade para aprender juntos!

Roteiro do jogo: **Encontre a cestaria**

Hoje vamos embarcar em uma aventura incrível para encontrar a cestaria! Sigam o roteiro mágico que temos aqui para vocês e descubram todos os segredos escondidos. Preparem-se para recortar as cartinhas e usar sua imaginação! Vamos juntos nessa jornada cheia de diversão e aprendizado! 🍷 ✨

Passo 1: Preparar as Cartas

Coloque todas as cartas com detalhes da cestaria e as cartas com as imagens completas no centro da sala, separando-as em dois montes.

Passo 2: Distribuir as Cartas

Cada jogador recebe quatro cartas: duas com partes incompletas de uma cestaria e duas com as figuras completas. O restante das cartas ficam viradas para baixo no centro da mesa, pronto para serem descobertas!

Passo 3: Encontrando os Pares

O jogador mais novo começa! Ele escolhe uma carta com metade da figura, mostra para todos e pergunta se alguém tem a outra metade. Vamos ver se conseguimos encontrar as combinações certas!

Passo 4: Mostrar as Cestarias

Se um jogador tem a figura completa, ele diz em voz alta e mostra a carta. Todos conferem e, se as cartas formarem um par, ele avança. Se houver dúvidas, o professor vai ajudar a resolver!

Passo 5: Nomear as Cestarias

Depois de formar os pares, vamos nomear a cestaria! Cada jogador deve escolher e lê o nome da cestaria, colocando a carta nomeada logo abaixo da cestaria e os outros dizem se concordam. Se não concordarem, podem escolher outro nome do monte de cartas!

Passo 6: Descobrir os Elementos Geométricos

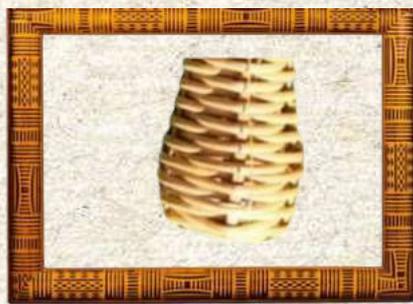
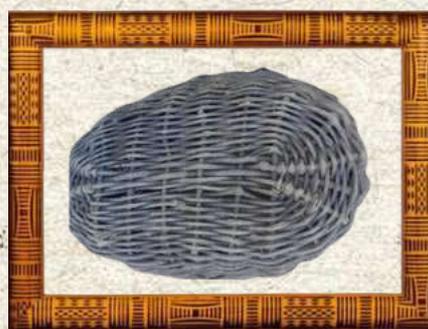
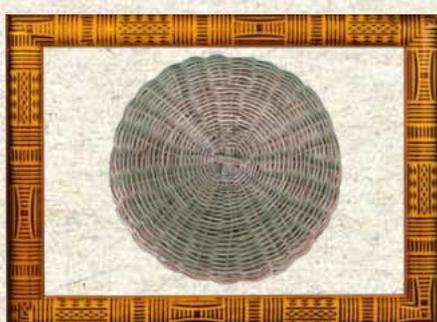
Agora, vamos falar sobre as formas! Cada jogador buscar um nome geométrico da cestaria que foi nomeada e todos podem dizer se concordam. Vamos aprender juntos!

Divirtam-se jogando e aprendendo sobre as cestas e a matemática!

Jogo das partes: **Encontre a cestaria**

As tarjetas abaixo são imagens das partes de peças de cestaria das famílias dos estudantes. Você pode organizar a turma em grupos ou montar um jogo coletivo, pedindo que recortem e embaralhem essas partes. Em seguida, incentivem a identificação, reconhecendo a importância dos saberes familiares presentes na sala de aula. Junte todas as tarjetas em monte de cartas.

Partes da Cestaria



Cestaria produzida pelas famílias de estudantes da comunidade São Domingos

Jogo das partes: **Encontre a cestaria**

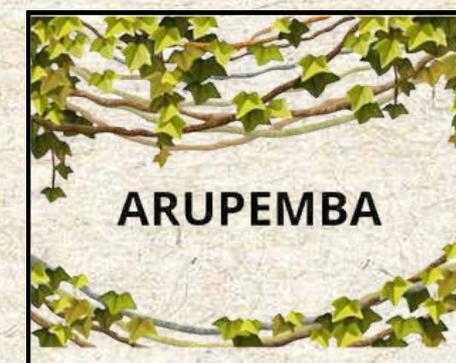
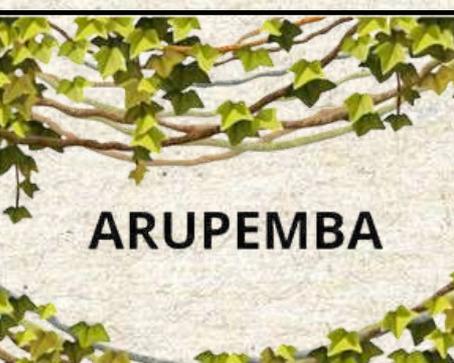
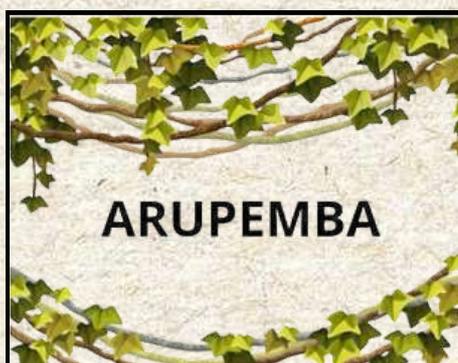
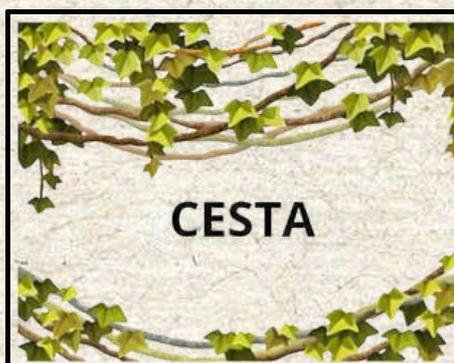
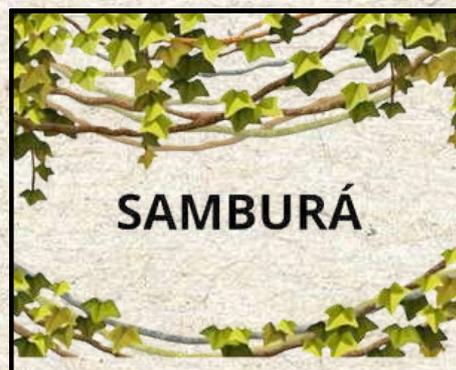
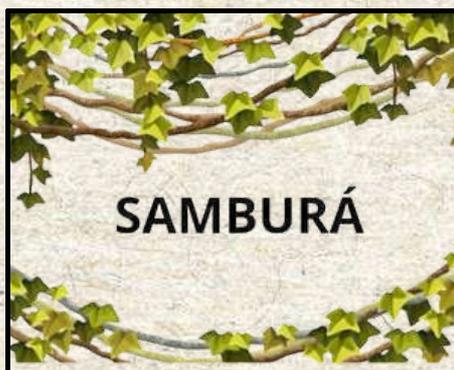
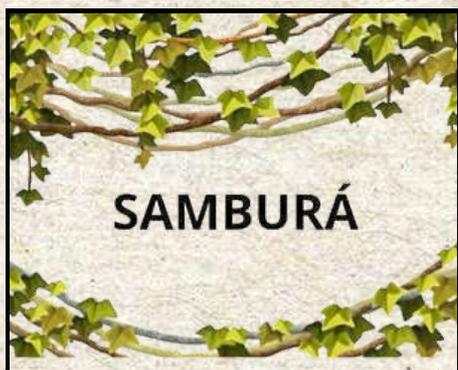
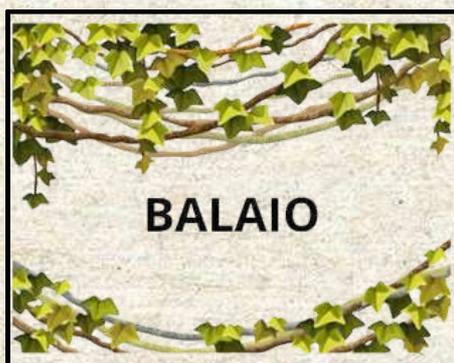
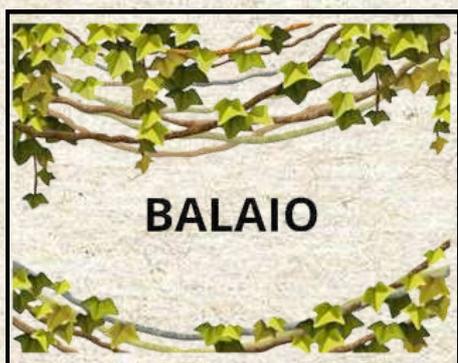
As tarjetas abaixo apresentam imagens das peças de cestaria completa das famílias dos estudantes. Para uma atividade divertida, peça que os estudantes recortem as tarjetas e embaralhem as partes. Mas atenção! Eles devem fazer outro monte de cartas, mas separando o monte de partes da cestaria (já realizado) do monte de cestaria completas.

Cestaria Completa



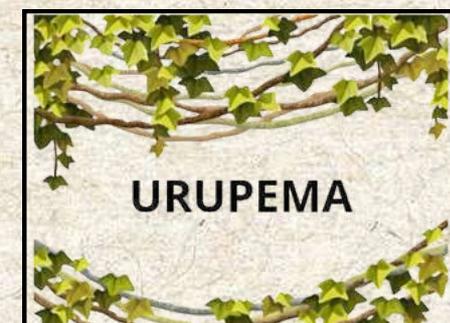
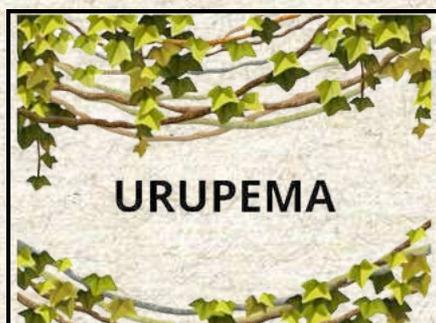
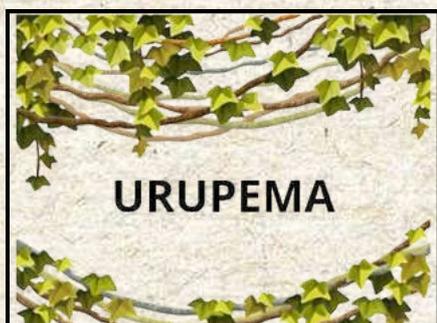
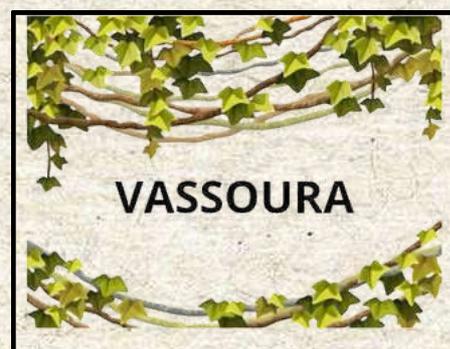
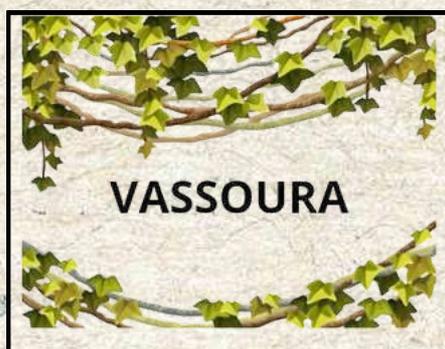
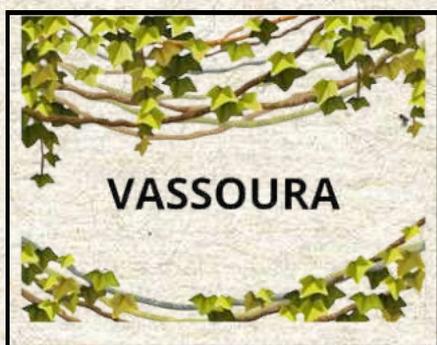
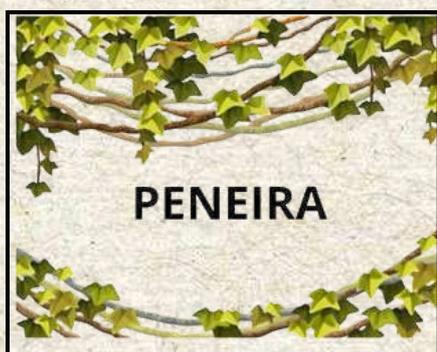
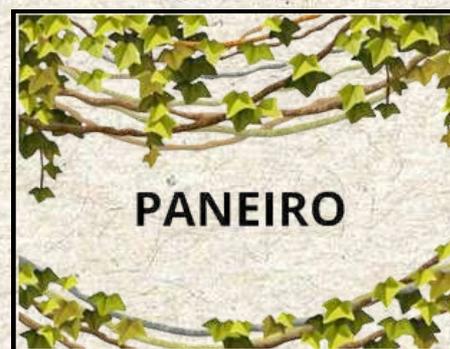
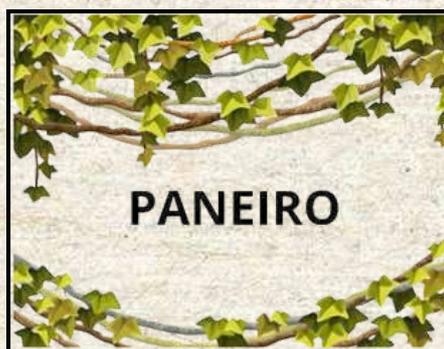
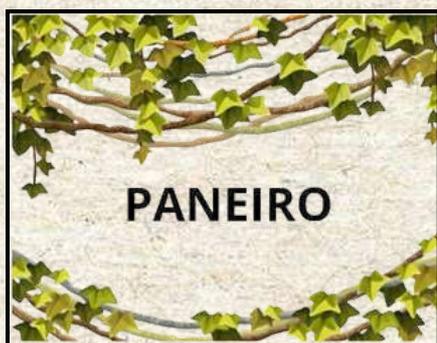
Encontre a cestaria: Nomeando nossa cestaria

Com o levantamento de nomes de cestaria realizado através do questionário respondido pelas famílias na tarefa Plano de Estudo (que também se encontra neste caderno). Escreva, digite ou imprimam os caso seja os mesmos nomes das tarjetas abaixo. Em seguida, instrua-os a recortar as tarjetas e separá-las em grupos de acordo com os nomes. Depois siga as orientações do roteiro para jogar.



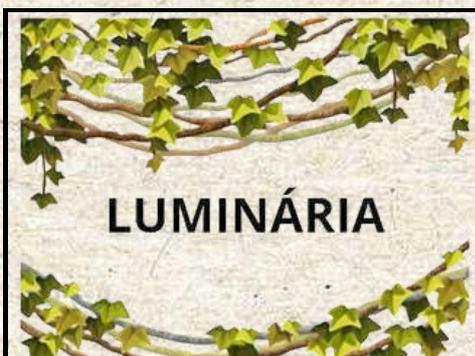
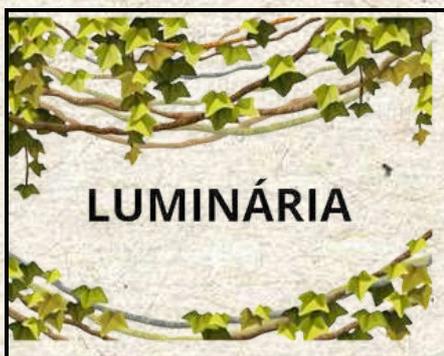
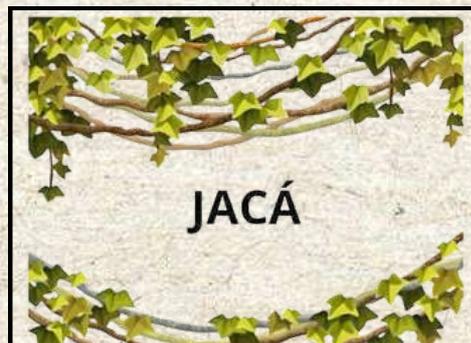
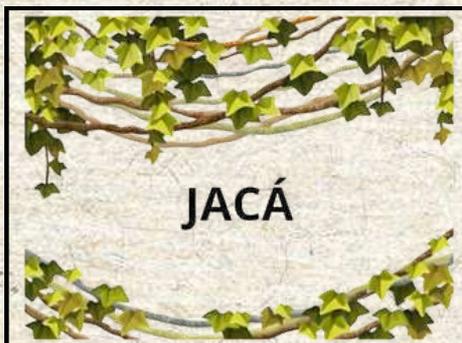
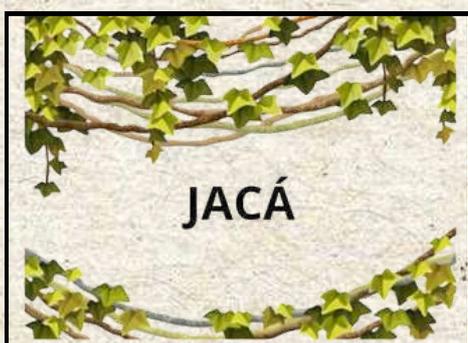
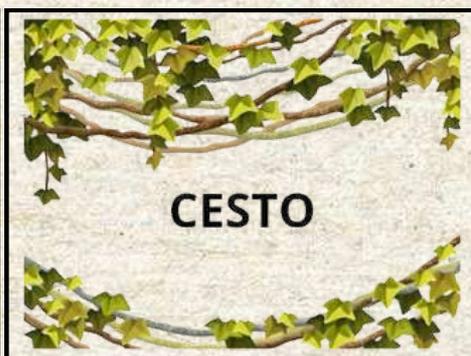
Encontre a cestaria: Nomeando nossa cestaria

Com o levantamento de nomes de cestaria realizado através do questionário respondido pelas famílias na tarefa Plano de Estudo (que também se encontra neste caderno). Escreva, digite ou imprimam os caso seja os mesmos nomes das tarjetas abaixo. Em seguida, instrua-os a recortar as tarjetas e separá-las em grupos de acordo com os nomes. Depois siga as orientações do roteiro para jogar.



Encontre a cestaria: Nomeando nossa cestaria

Com o levantamento de nomes de cestaria realizado através do questionário respondido pelas famílias na tarefa Plano de Estudo (que também se encontra neste caderno). Escreva, digite ou imprimam os caso seja os mesmos nomes das tarjetas abaixo. Em seguida, instrua-os a recortar as tarjetas e separá-las em grupos de acordo com os nomes. Depois siga as orientações do roteiro para jogar.



Nomes de Cestaria produzida pelas famílias de estudantes da comunidade São Domingos

Encontre a cestaria: Elementos matemáticos

Objetivos

Os estudantes irão classificar diferentes peças de cestaria de sua família, identificando e utilizando conceitos matemáticos, promovendo a interação e a aprendizagem colaborativa de forma lúdica.

Materiais Necessários

- Cartinhas do jogo “encontre a cestaria”;
- Imprima e recorte as tarjetas em branco abaixo (para que os estudantes escrevam suas classificações);
- Espaço amplo para atividades em círculo (pátio ou sala de aula espaçosa)

Modelos de tarjetas



Encontre a cestaria: Elementos matemáticos

Roteiro da tarefa

Passo 1: Preparação do Espaço

- Organize o espaço em um local amplo, como o pátio da escola.
- Forme um grande círculo no chão, onde todos os estudantes poderão se reunir e interagir.

Passo 2: Introdução da Atividade

- Comece explicando que irão explorar as diferentes peças de cestaria que sua família tem ou produz.
- Fale sobre a relação entre a cestaria e matemática, mencionando como podem identificar formas, quantidades e padrões nas peças.

Passo 3: Distribuição das Tarjetas

- Entregue a cada estudante uma tarjeta em branco para cada uma cestaria correspondente do jogo;
- Explique que eles devem usar as tarjetas para escrever as classificações e observações que fizerem sobre cada uma peça de cestaria, utilizando elementos matemáticos.

Passo 6: Compartilhamento e Discussão

- Após a escrita, cada estudante poderá apresentar suas observações matemáticas que foram anotadas nas tarjetas em branco, fixando abaixo da nomeação de cada peça de cestaria, permitindo uma diversidade de saberes matemáticos já que cada um deles apresentará uma resposta sobre cada uma peça.
- Encoraje uma discussão em grupo sobre as diferentes classificações e raciocínios relacionados a cada peça de cestaria.

Passo 7: Reflexão e Encerramento

- Finalize a atividade fazendo perguntas reflexivas, como "O que vocês aprenderam sobre as formas e padrões na nossa cestaria?" ou "Como matemática pode nos ajudar a entender melhor o artesanato do nosso cotidiano?".
- Estimule os estudantes a pensar sobre a importância de matemática em diferentes culturas e na vida prática.

Exemplificando o jogo “Encontre a cestaria”

Durante minha pesquisa, apliquei o jogo “Encontre a cestaria” em que os estudantes puderam explorar suas criações e fazer associações matemáticas de forma prática e divertida. A organização do espaço em sala de aula foi fundamental para promover essa interação. Nas imagens abaixo, você pode ver como os estudantes se reuniram e participaram do jogo, permitindo uma troca rica de conhecimentos. Compartilhar experiências pode enriquecer ainda mais a tarefa!



Aplicação do jogo “Encontre a cestaria” na EMEF “Mário Florentino”

Tarefa IX

5.10 Culminância das tarefas

A oficina de Cestaria Quilombola

Caros Professores,
Nesta sessão, unimos tudo que vimos anteriormente e culminamos num planejamento da oficina de cestaria Quilombola que deve iniciar com uma formação dos Mestres para vocês. Essa formação pode ser articulada com a Secretaria de Educação do seu município de forma a atender um número maior de professores Quilombolas e, após essa etapa, tornarão os replicadores de saberes para seus estudantes. É essencial convidar um Mestre da comunidade para validar saberes no ambiente escolar, enriquecendo ainda mais a experiência.



Lista de materiais para a oficina de cestaria Quilombola

Matéria prima: Cipó (já cortado)

- Cipó grosso (para mourões)
- Cipó fino (para entrelaçar)

Materiais de Proteção:

- Luvas de proteção
- Óculos de proteção

Utensílios de Trabalho

- Facões ou facas (para demonstração, não para uso dos estudantes)
- Panos para limpeza

Materiais para Registro

- Cadernos e canetas (para anotações e reflexões durante a oficina)

Recursos Visuais

- Impressões do roteiro da oficina;
- Recursos audiovisuais, como o vídeo sugerido sobre oficinas de cestaria

Roteiro da oficina de cestaria Quilombola

Passo 1: Abertura

Inicie a oficina com uma reflexão sobre a importância da mata e da preservação. Para isso, você pode ler um trecho do livro "Quem mexeu na minha floresta?" de Adalberto Cornavaca e tocar a música "Cuidar da Natureza" da Claudia Leite. Isso ajudará a conectar os estudantes à natureza e à sabedoria dos ancestrais.



Livro "Quem mexeu na minha floresta?" de Adalberto Cornavaca



Música "Cuidar da Natureza" da Claudia Leite

Passo 2: Visita à Mata

Leve os estudantes até a mata, lembrando de convidar algum mestre para transmitir saberes desde a entrada de pedido licença aos Orixás na mata até a explicação da "mãe do cipó", destacando a importância do respeito e da sustentabilidade ao colher. Encoraje-os a observar e identificar a mãe do cipó e seus "filhos".

Passo 3: Colheita Consciente

Instrua os estudantes a escolherem cipós prontos para a colheita, sempre com responsabilidade. Ensine-os a reconhecer as condições ideais para cortar o cipó, respeitando o ciclo de vida das plantas.

Passo 4: O Corte Do Cipó

Demonstre como cortar o cipó corretamente, sem danificar as plantas. Explique a técnica do corte em movimento jambrado e como isso gera as marcas essenciais para a separação das fibras. Lembre-se de não usar ferramentas cortantes nesta etapa!

Passo 5: Separação das Fibras

Após o corte, mostre aos estudantes como separar as fibras do cipó. Explique que cada marca no cipó conta uma história e que a preservação dessas fibras é fundamental para a arte que estamos criando.

Passo 6: Montagem da Base da Cestaria

1. **Preparação do Espaço:** Escolha um local adequado na escola, onde todos os estudantes possam se acomodar confortavelmente e visualizar o processo.
2. **Prática Inicial com Papel:** Para facilitar o entendimento e o manuseio do processo, proponha que os estudantes façam um teste inicial utilizando tiras de papel. Eles podem criar um tapete de BerBere, permitindo que pratiquem o conceito de entrelaçamento sem a complexidade do cipó.



Aprendendo a fazer um tapete Berbere, disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=ib6lK-b6DWU&t=3s>

3. Materiais Necessários:

- Cipós mais grossos (para servir como mourões)
- Cipós mais finos (para entrelaçar)

4. Instruções para a Montagem:

- **Início da Montagem:** Comece utilizando os cipós mais grossos, posicionando-os em pé. Estes serão os mourões da base da cestaria.
- **Técnica de Entrelaçamento:** Mostre aos estudantes como entrelaçar os cipós finos de forma alternada, seguindo o padrão de "um por cima, um por baixo" garantindo a estabilidade da estrutura.

5. Retorno ao Cipó:

Após os estudantes se familiarizarem com a técnica usando papel, incentive-os a voltar a trabalhar com o cipó de forma a validar a tradição da cestaria Quilombola.

Passo 7: Criando as Laterais

Após a base estar pronta, instrua-os a trabalhar nas laterais da cestaria. Explique como inclinar as pontas. Destaque a importância do trançado nesta fase, lembrando que os cipós mestres nas laterais são essenciais para a estrutura do cesto. Cada estudante pode experimentar diferentes padrões de entrelaçamento, incentivando a criatividade e a personalização.

Passo 8: Acompanhamento

Durante a montagem, circule entre os grupos, oferecendo orientação e apoio conforme necessário. Certifique-se de que todos os estudantes estejam participando e compreendendo o processo de produção.

Passo 9: Finalização

Conclua a oficina reunindo os estudantes para uma discussão sobre suas experiências e os aprendizados que tiveram. Encoraje-os a refletir sobre a importância de cada peça que criaram, enfatizando que a tradição da cestaria Quilombola é uma forma de conexão cultural e ambiental. Ao final, cada estudante pode apresentar sua peça, compartilhando o que mais gostou no processo e o que aprendeu sobre a natureza e Saberes ancestrais.

Passo 10: Recursos audiovisuais para inspirar sua oficina

Para auxiliar no planejamento da oficina, deixo como modelo um vídeo da oficina realizada em minha pesquisa. Esse vídeo pode ser um recurso valioso para visualizar as etapas do processo de criação da cestaria, trazendo uma abordagem prática que complementa a teoria. Assistir ao vídeo pode oferecer ideias e inspirações para deixar sua oficina ainda mais envolvente e educativa.



Vídeo da oficina de Cestaria Quilombola realizada durante a pesquisa de mestrado

Acesse ao Qr code para assistir ao vídeo da oficina Quilombola



6. Saberes que resistem e registram...

Para tecer nossas reflexões, espero que este material seja uma ferramenta para atender às necessidades da Educação Escolar Quilombola, assim como às escolas que não são Quilombolas, promovendo a inclusão e a diversidade. Este obra é luta, identidade e resistência do povo Quilombola, que, por meio de suas tradições e saberes, nos ensina a valorizar a riqueza cultural que nos cerca. Agradeço sinceramente a todos que contribuíram para esta jornada!



Oficina de cestaria Quilombola realizada durante a pesquisa de mestrado

Para facilitar a impressão dos materiais, reuni todo o conteúdo do Produto Educacional em um único lugar. Assim, você poderá acessar facilmente. Basta escanear o QR Code abaixo para imprimir e compartilhar com suas turmas. Vamos juntos celebrar e disseminar o conhecimento e a cultura que nos fazem crescer!

Acesse o QR Code para imprimir as tarefas deste material



7. Algumas reflexões que permanecem...



Aplicação do Plano de Estudo realizado durante a pesquisa de mestrado

Neste caderno, apresentamos algumas possibilidades que demonstram a importância de integrar matemática ao cotidiano dos estudantes Quilombolas, valorizando saberes frequentemente marginalizados. Ao situar matemática em contextos familiares, tornamos o aprendizado um processo mais significativo e acessível, a partir de uma educação que reflete a realidade social dos estudantes. A perspectiva da Etnomatemática nos oferece uma oportunidade para refletirmos sobre matemática como uma ferramenta social e crítica, conectando diferentes culturas ao conhecimento matemático.

Cada professor tem a chance de ir além das páginas, transformando a Educação Matemática por meio de práticas que retratem a diversidade cultural e ampliem a compreensão crítica de matemática no contexto social dos educandos. Ao interagir com saberes de cestaria Quilombola do Sapê do Norte, percebemos como esses conhecimentos e experiências moldam a identidade coletiva e individual. É essencial que abordemos saberes de forma culturalmente relevante, permitindo que os alunos construam significados a partir da história e costumes de suas comunidades.

Ao planejar nossas ações, devemos nos empenhar em transmitir as realidades Quilombolas tal como elas são, promovendo a produção de conhecimento que ressignifique a identidade Quilombola através do aprender. Esperamos que este caderno seja uma ferramenta útil na prática pedagógica de educadores, sejam eles Quilombolas ou não, ajudando a desmistificar a ideia de que o povo negro não aprende. Nosso desejo é fomentar diálogos interculturais e a troca de saberes entre as culturas, criando um ponto de partida para futuras atividades, demarcando nossos espaços.

Agradecemos a todos que se juntaram a nós nesta jornada!

7. Referências

BISHOP, A. J. Enculturación matemática: la educación matemática desde una perspectiva cultural. Traducción de Genis Sánchez Barberán. Barcelona: Paidós, 1999.

D'AMBROSIO, Ubiratan. Etnomatemática - elo entre as tradições a modernidade. 4.ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

SANTOS, Antonio Bispo dos. Colonização, Quilombos: Modos e Significações. Brasília: UnB, 2015.[1]